

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - COORDENADORIA
GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO (COGEAE)

PUC-SP

Ilda Maria Ferrero

**Os discursos sociais e seus efeitos no processo de aceitação da
homossexualidade do filho por pais heterossexuais**

ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA DE FAMÍLIA E CASAL

São Paulo

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - COORDENADORIA
GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO (COGEAE)

PUC-SP

Ilda Maria Ferrero

**Os discursos sociais e seus efeitos no processo de aceitação da
homossexualidade do filho por pais heterossexuais**

ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA DE FAMÍLIA E CASAL

Monografia de aproveitamento do curso de
Especialização em Terapia de Família e de Casal da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob
orientação da Profa Dra Claudia Bruscajin.

São Paulo

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - COORDENADORIA
GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO (COGEAE)

PUC-SP

Ilda Maria Ferrero

**Os discursos sociais e seus efeitos no processo de aceitação da
homossexualidade do filho por pais heterossexuais**

Monografia de aproveitamento do curso de
Especialização em Terapia de Família e de Casal da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob
orientação da Profa Dra Claudia Bruscagin.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr

Pontifícia Universidade Católica

Prof. Dr

Pontifícia Universidade Católica

Prof. Dr

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo

2014

À minha mãe, exemplo de entusiasmo e curiosidade pela vida.

Aos meus amigos Vera, Valério e Judite,
pelo empenho na construção de um mundo mais tolerante e justo.

Aos meus filhos Mariana e Felipe,
por olharem as pessoas com menos preconceito.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho encerra mais uma etapa no meu crescimento profissional e pessoal. Uma nova fase se inicia. Os fechamentos nos convidam a olhar para trás e rever o caminho percorrido. Junto, vem a lembrança das pessoas que, com sua presença, nos influenciaram e apoiaram nessa conquista.

Minha gratidão:

Às professoras do Núcleo de Terapia de Família e de Casal da PUC/SP pelo carinho e dedicação com que nos ajudam em nosso desenvolvimento profissional e pessoal, especialmente à minha supervisora e depois orientadora Claudia Bruscajin, pela sua disponibilidade e acolhimento. Com sua ajuda percebi que sempre é possível caminhar um pouco mais.

A todos os colegas que participaram dessa jornada, alguns de forma mais próxima e outros, um pouco mais distante. Foi uma convivência que, além de prazerosa, também me enriqueceu pela troca de experiências. E que se frutificou em boas amizades.

À minha amiga e colega Marcia e ao seu marido Wilson, que não sei que caminhos os conduziam para sempre estarem presentes e me estenderem a mão, durante esses três anos, nos momentos em que a vida me trouxe surpresas desagradáveis.

À Ceneide e ao grupo das “noviças” Arlene, Bruna, Ieda e Irene, amigas recentes, pelo acolhimento nos meus momentos de angústia. O apoio de vocês me ajudou a superar os desafios dessa jornada e me permitiu olhar para horizontes que não imaginava.

À Vera e ao Valério, minha família por escolha, por estarem sempre presentes e participarem de tantos momentos de minha vida dando-me apoio e incentivo. Com vocês aprendi a olhar o mundo de outra forma e sou muito grata por isso.

À minha mãe, que sempre me incentivou a crescer e nunca se abdicou de estar do meu lado, pelo seu amor e apoio incondicional.

À minha filha Mariana, que me ajudou com as coisas práticas de nossa vida cotidiana e com isso permitiu que eu tivesse mais tempo para me debruçar sobre esse trabalho.

Ao meu amigo Marcus Vinicius, por ter partilhado sua experiência comigo e ter me dado a oportunidade de compreender um pouco mais a vivência de quem sofre o preconceito.

À toda equipe do INEF, onde tudo começou. A convivência com meus colegas de profissão sempre foi estimulante, o que me incentivou a buscar novos conhecimentos. Agradeço especialmente a Violette, que me acolheu com muito carinho, e a Sonia e Bete, sempre disponíveis.

A tantas outras pessoas que me ajudaram com palavras de incentivo, como Lia, Bete Marangon, Alzira, Marcia Verstandig, Mariana Cacciacarro. Meu agradecimento especial à Vanda, com quem contei para enfrentar a rotina caseira.

Mas, acima de tudo, agradeço aos meus clientes, que confiaram em mim na travessia de alguns momentos de suas vidas e que, com isso, me desafiaram a buscar sempre mais para poder acompanhá-los.

RESUMO

Neste trabalho procuro compreender como, ao longo do tempo, as narrativas atribuem valor e dão significado às expressões da sexualidade humana. Em paralelo, acompanho o efeito dessas narrativas na construção do significado da homossexualidade masculina para os pais heterossexuais. Tomo como referência os depoimentos coletados por Edith Modesto em seu contato com pais de filhos homossexuais e relatados em seu livro “Mãe sempre sabe? Mitos e verdades sobre pais e seus filhos homossexuais”. Procuro também compreender como, no trabalho com famílias, é possível desconstruir as narrativas que dificultam a aceitação da orientação afetiva e sexual dos filhos pelos seus pais heterossexuais.

Palavras chave: Homossexualidade. Revelação. Família de origem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – Homem é homem, mulher é mulher	14
CAPÍTULO 2 – Pecados da carne	20
CAPÍTULO 3 – Doenças do corpo e da alma	24
CAPÍTULO 4 – Anos dourados, anos rebeldes e anos de pânico	31
CAPÍTULO 5 – Como se constrói um macho	40
CAPÍTULO 6 – Pai, mãe, sou gay	43
6.1 – Morre o filho idealizado	44
6.2 – Período de crise	51
6.3 – Que vergonha!	57
CAPÍTULO 7 – Em terapia, em família	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

“Quando os filhos saem do armário, os pais entram”. É desta forma que Edith Modesto ¹ define os sentimentos dos pais que descobrem que seu filho é homossexual.

Entrar no armário, se esconder, por quê?

Em depoimento a Modesto (2008), uma das mães esclarece o que sentiu quando soube que o filho era homossexual: “a primeira coisa que me veio à cabeça foi a vergonha. Nossa, como sofri ao imaginar a reação das pessoas, os olhares acusadores” (p.167).

Cyrułnik (2012) nos diz que não é o fato em si que provoca vergonha, mas nosso julgamento íntimo. E esse julgamento está baseado em nossas crenças.

Na sociedade brasileira, influenciada pelo sistema patriarcal e pela cultura judaico-cristã, quais são as crenças que temos sobre masculinidade e homossexualidade masculina?

Badinter (1993), em estudo sobre a formação da identidade masculina, afirma que na maioria das sociedades patriarcais o gênero é definido pelo comportamento sexual e que a masculinidade é definida em oposição à feminilidade. Ser homem é

não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos; não ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens, não ser impotente com as mulheres. (Badinter, 1993, p.117).

Nas sociedades patriarcais, portanto, ser homem é ser heterossexual e não possuir qualidades identificadas com o feminino. Desta forma, segundo a autora, a homofobia se torna parte integrante da identidade masculina.

¹ Edith Modesto é fundadora e presidente do Grupo de Pais de Homossexuais (GPH). Trata-se de uma organização não governamental que promove reuniões presenciais ou virtuais com pais de filhos e filhas homossexuais. O GPH tem como finalidade auxiliar os pais a atravessar as diversas fases do processo de aceitação da homossexualidade de seu filho ou sua filha.

O sistema patriarcal, no entanto, não é a única referência na construção das crenças sobre masculinidade e homossexualidade. Parker (1991), dedicando-se ao estudo da sexualidade do brasileiro, observa que são várias as referências que afetaram e afetam a construção social e interpretação das experiências sexuais. Algumas delas, apesar de possuírem características diferentes, se complementam. Outras, se contradizem. Além da questão de gênero herdada do sistema patriarcal, integram as diversas referências a visão religiosa e as perspectivas médica e sexológica.

As proibições religiosas das igrejas de origem judaico-cristã, que nos acompanham desde o período colonial até nossos dias, reforçam a divisão de gênero. Ao mesmo tempo, estabelecem regras para as práticas sexuais. Apenas as destinadas à reprodução são lícitas, as atividades sexuais voltadas exclusivamente ao prazer são associadas ao pecado. (Parker, 1991)

Aparentemente ecoando as ideias religiosas, as ideias médico-científicas do final do século XIX e início do século XX também normalizam a sexualidade com fins reprodutivos. As práticas desviantes, por sua vez, são estudadas e classificadas como anomalias, perversões, doenças. (Parker, 1991)

A masculinidade é, portanto, social e historicamente construída e se trata

(...) de uma história plural, (...) não um dado 'natural', mas uma variável edificada de acordo com as diferentes temporalidades, áreas geográficas, diferenças de classe, religião e orientação sexual de cada um. (Priore e Amantino 2013, p.9).

Nos dias atuais, depois dos questionamentos sobre os papéis tradicionais de gênero e os valores sexuais, compreendemos a homossexualidade como expressão da diversidade sexual. (Parker, 1991)

Os homossexuais fizeram uma caminhada desde a marginalização até a integração social. A princípio degenerados, pecadores ou doentes, hoje são reconhecidos em seu direito de ter relações afetiva e sexual diversa da norma heterossexual.

E os pais de filhos homossexuais? Como se estruturam emocionalmente entre o amor pelos filhos e as diversas crenças sociais relacionadas à homossexualidade?

Nesse depoimento, uma mãe deixa claro o conflito entre amor e homofobia.

Será que nosso amor é mesmo incondicional? Porque é daí que vem a culpa. Veja só: você é criada para amar os seus filhos de forma incondicional, mas também é criada para crer que a homossexualidade é algo anormal, vergonhoso, horroroso... Cara, tu fica doida! Como é que vai ser então? É pecado, doença, sem-vergonhice, imoralidade... Mas é seu filho, a quem você ama incondicionalmente... Se você não tomar cuidado, você prende, expulsa, espanca. Ou não faz nada, se corrói e fim. (Modesto, 2008, p.90).

Na prática clínica tenho observado conflitos semelhantes entre pais de filhos homossexuais. Nossa literatura é extensa ao tratar da homossexualidade e de pais homossexuais, mas escassa sobre os sentimentos e conflitos dos pais de filhos homossexuais. Por isto me senti mobilizada a desenvolver este estudo.

Minha experiência clínica tem demonstrado que, aparentemente, as mulheres vivenciam a homossexualidade de forma mais flexível. Esta percepção vai de encontro com o que observa López Sánchez (2009): “tudo parece indicar que as mulheres trocam com maior facilidade que os homens de uma orientação sexual para outra, enquanto os homens tenderiam a ter uma orientação mais cristalizada e rígida” (p.38).

Considerando esta aparente diferença, opto por estudar neste momento apenas a relação de pais e mães heterossexuais com filhos homossexuais masculinos.

Nos quatro capítulos iniciais desse trabalho, caminho pela História Social do Brasil para reconhecer algumas das diversas crenças relacionadas à homossexualidade e presentes nos discursos sociais. Os livros que serviram de eixo norteador para o desenvolvimento desses capítulos foram “Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo”, de Richard G. Parker (1991) e “Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX”, de James N. Green (2000). Dois autores que empregam seu olhar estrangeiro para

entender os paradoxos de uma sociedade tão complexa como a brasileira. Sociedade que ao mesmo tempo passa uma mensagem de tolerância, quando apresenta corpos livres na expressão da sexualidade durante o Carnaval, e que faz dos gays e lésbicas os principais alvos de deboche ou agressão. Onde “bicha” ou “viado” são as principais palavras usadas para xingar e desvalorizar um homem.

No capítulo 1, “Homem é homem, mulher é mulher”, estudo a relação de gênero desde o período colonial até as mudanças ocorridas a partir dos anos 1950. Mergulho no sistema patriarcal, seguindo as pegadas do homem rural, senhor de engenho, e o acompanhamento quando sofisticava suas maneiras e se intelectualiza para frequentar o espaço urbano. É o período da polaridade do ativo/passivo, do bicha/bofe. O que penetra e não é efeminado mantém sua identidade como homem. O bicha é jogado para a marginalidade e identificado como promíscuo e criminoso.

No capítulo 2, “Pecados da carne”, meu trajeto continua pelo período colonial, quando a Igreja católica, através de seus padres, aqui estive para salvar almas de brancos, negros e índios através da regulamentação de comportamentos e conduta sexual. A sexualidade só não é pecado se estiver a serviço da reprodução. Todos os atos que tem como finalidade apenas o prazer são condenados, especialmente a sodomia. A condenação não se restringe ao mundo terreno, mas o pecado macula a alma e não permite sua salvação.

No capítulo 3, “Doenças do corpo e da alma”, visito o nascimento da nação brasileira. O discurso religioso abre espaço para o discurso médico e higienista. A ideia de pecado cede espaço para a ideia de doença, mas o padrão normativo continua sendo a sexualidade para fins reprodutivos. As outras práticas sexuais são patologizadas. Nessa condição, o homossexual, o doente, deve ser isolado e tratado.

Chego aos anos 1950, quando tem início na Europa e nos Estados Unidos os questionamentos sobre os papéis tradicionais do homem e da mulher. Os meios de comunicação trazem para o Brasil notícias da mudança de comportamento e parcela da sociedade incorpora os questionamentos. Apesar da ditadura militar, os jovens das décadas de 1960, 1970 e 1980 protagonizam as várias mudanças sociais. A moralidade sexual é questionada e o prazer, valorizado. A homossexualidade não é mais dissociada da masculinidade. Deixa de ser considerada como doença. O auge

da liberação, no entanto, é afetado pelo surgimento da AIDS. São os “Anos dourados, anos rebeldes e anos de pânico”, relatados no capítulo 4.

As grandes mudanças sociais, no entanto, não foram suficientes para dissociar a masculinidade da força e da violência. No capítulo 5, “Como se constrói um macho”, acompanho o estudo realizado por Joana V. Novaes entre os praticantes profissionais de lutas marciais (*Mixed Martial Arts* – MMA) e relatado no texto “Aqui tem homem de verdade”. Nos capítulos anteriores se verifica que as mudanças sociais estão ocorrendo em um ritmo acelerado, mas o estudo da Novaes demonstra que as mudanças na subjetividade podem ocorrer mais lentamente.

No capítulo 6, “Pai, mãe, sou gay” acolho as vozes dos pais que descobrem que a orientação afetiva e sexual de seus filhos difere da heteronormativa. Período de crise, período em que os pais veem destruídos seus sonhos e idealizações com relação ao filho. Nesse momento, a imagem do filho fica borrada e surgem “o homossexual”, “o bicha”, “o viado” associados a toda carga emocional que acompanha o preconceito. Período de dor tanto para os pais como para o filho. A crise, no entanto, pode ser o prenúncio de mudanças. Mudanças essas que podem enriquecer tanto a vida dos pais quanto a de seus filhos, como demonstra o trajeto realizado por Edith Modesto.

Como nós, enquanto terapeutas de família, podemos acompanhar essa caminhada dos pais?

Tento responder essa pergunta no capítulo 7, “Em terapia, em família”. Este é um momento que também nos obriga a confrontar nossas próprias ideologias para que não sejamos atores na perpetuação de ideias que oprimem os homossexuais.

CAPÍTULO 1: HOMEM É HOMEM, MULHER É MULHER

A questão de gênero no Brasil está enraizada em uma ordem social profundamente patriarcal.

A questão da autoridade patriarcal tem sido ligada à notada ênfase da família patriarcal na história do Brasil – não simplesmente como forma de organização social, mas como construção ideológica, um sistema de representações que continua a influenciar as maneiras pelas quais os brasileiros contemporâneos compreendem a ordem própria das coisas no seu universo, estruturam suas interações sociais e interpretam o sentido de suas relações sociais. (Parker, 1991, p.56)

Acompanho Parker (1991), em seu estudo sobre a construção social e histórica da sexualidade na cultura brasileira, para entender a influência do sistema patriarcal brasileiro na formação da identidade masculina.

A origem do sistema patriarcal brasileiro remonta ao período colonial, onde o poder econômico estava no mundo rural. O patriarca tinha autoridade sobre os dois núcleos do espaço rural, o interno, constituído pela esposa e seus filhos legítimos, e o externo, mais amplo. Integrava o núcleo externo além dos escravos e rendeiros, as amantes e concubinas do patriarca e seus filhos ilegítimos, bem como seus amigos e clientes.

A estrutura dual e o poder quase absoluto do patriarca marcavam rigidamente a distância e a hierarquia entre os vários membros dessa organização. O poder do patriarca era mantido através da violência e o direito ao exercício da violência também dava o direito à morte.

A estrutura hierárquica da dominação patriarcal foi assim cristalizada tanto na imagem como na realidade da violência. A autoridade do próprio patriarca repousava em grande parte na distância social que este potencial para a violência estabeleceu entre ele e seus continuadores – entre o senhor e seus escravos, o pai e seus filhos, o macho e suas fêmeas. (Parker, 1991, p.57).

O simbolismo da violência também afetou a distância entre os sexos e marcou as diferenças entre homem e mulher pela extrema oposição. Gilberto Freyre descreve esta distinção: “também é característico do regime patriarcal o homem

fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo” (Freyre, 2000, p.125).

Foi a partir dessa oposição fundamental que se estabeleceram os conceitos de masculinidade e feminilidade.

Com o poder investido inteiramente em suas mãos, o homem era caracterizado em termos de superioridade, força, virilidade, atividade, potencial para a violência e o legítimo uso da força. A mulher, em contraste, em termos de sua evidente inferioridade, como sendo em todos os sentidos o mais fraco dos dois sexos – bela e desejável, mas de qualquer modo sujeita à absoluta dominação do patriarca. (Parker, 1991, p.58).

Esta diferenciação baseada nos opostos também permitiu o desenvolvimento de uma moral dualista. Ao homem era permitida uma liberdade sexual quase total, pois além de se relacionar sexualmente com a própria mulher, também se relacionava com as amantes e concubinas. As mulheres, por outro lado, eram mantidas sob um rigoroso controle exercido pelo próprio patriarca. Não apenas a esposa deveria estar disponível para ele como também as concubinas “deviam esperar sempre pelo seu chamado e se submeter aos seus desejos.” (Parker, 1991, p.59).

A mesma moral dualista se reproduz na socialização dos filhos. A filha era mantida sob uma estreita vigilância até o casamento. Isto para que fosse conservada sua virgindade, ou seja, para que se protegesse a honra da jovem e, por extensão, a do pai. Do filho homem, no entanto, se esperava que iniciasse precocemente a vida sexual.

Longe das rígidas proibições sexuais impostas à menina, cuja virgindade era um bem de troca sob o sistema patriarcal, essa iniciação precoce do menino era esperada e estimulada como prova de masculinidade e até como uma contribuição potencial para a força de trabalho da fazenda. (Parker, 1991, p.61).

Gilberto Freyre completa:

Nenhuma casa-grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar filhos maricas ou donzelões. O folclore da nossa antiga zona de engenhos de cana e de fazendas de café quando se refere a rapaz donzelo é sempre em tom de debique: para levar o maricas ao ridículo. O que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas. (Freyre, 1989, p.372).

Schnoor (2013), falando sobre a masculinidade do início do século XIX, momento em que ocorre a mescla do mundo rural e urbano, acrescenta:

[...] sobre a masculinidade não podia pairar a menor dúvida, pois era uma sociedade em que o pai informava não o nascimento de um menino, mas que havia nascido um macho. Uma sociedade em que as mães de meninos com muito orgulho diziam “prendam suas frangas que meu galo está solto”. Uma sociedade em que o homossexualismo era um anátema. Ter filho adamado era inimaginável. Caso ocorresse este “problema” em uma família de posses, ele era mandado para o Rio de Janeiro. Melhor ainda à Europa, bem longe. Quantas importantes famílias do Brasil não tiveram seus tios solteirões morando principalmente em Paris? (p.95)

Nos séculos passados, portanto, família e homossexualidade eram incompatíveis. Os filhos homossexuais das classes abastadas eram encaminhados para o exterior e os das classes populares, expulsos de casa. E quantas famílias ainda hoje encontram alívio em manter o filho homossexual distante de casa?

[Mãe] Mandamos meu filho estudar fora... Hoje eu sei que foi uma das maneiras que achamos pra nos livrar do problema... Mas eu não me sinto forte pra enfrentar uma coisa dessas. (Modesto, 2008, p.115)

[Mãe] Meu filho foi estudar nos Estados Unidos. No fundo, eu sei que nós quisemos ficar longe dele... Fazer o quê? É preferível isso do que a gente com esse problema na frente da gente todo tempo... (Modesto, 2008, p.132)

No entanto, não são só os filhos excluídos que sofrem. Os pais e toda a família também sofrem os efeitos negativos da não aceitação da homoafetividade. (López Sanchez, 2009)

Isto porque, como nos explica Carter e McGoldrick (1995) ao comparar a família com sistemas organizacionais, nos sistemas organizacionais a ênfase é nos papéis e funções, por isso as pessoas podem ser substituídas para executá-los. No sistema familiar, no entanto, apesar das pessoas terem papéis e funções, a ênfase é no relacionamento. As pessoas não são substituídas em seus aspectos emocionais e seus membros, mesmo que distantes, continuam a fazer parte do sistema familiar. As autoras observam que se “os membros da família agem como se os

relacionamentos familiares fossem opcionais, eles o fazem em detrimento de seu próprio senso de identidade e da riqueza de seu contexto emocional e social” (p.10)

[Mãe] Meu filho foi estudar na Alemanha. [...] eu sinto que, no fundo, no fundo, quisemos ele longe de nós... Às vezes, torço para que tenha sucesso por lá e não volte... Ao mesmo tempo, me sinto muito mal por estar rejeitando meu filho desse jeito e fico muito infeliz. (Modesto, 2008, p.103)

Parker (1991) nos lembra da importância da linguagem para a construção das ideias de masculinidade e feminilidade e da hierarquização dos gêneros.

É na linguagem do cotidiano que [os] entendimentos mais proeminentes de masculinidade e feminilidade são primeiramente construídos. É nas expressões, termos e metáforas utilizados para falar do corpo e suas práticas, que as relações da criança com a realidade começam a tomar forma e que os sentidos associados ao gênero na vida brasileira são mais poderosamente expressos (p.63).

A lista de palavras usadas na linguagem coloquial para nomear os órgãos genitais reforça a ideia da superioridade masculina. Pau, cacete, espada, vara, faca são palavras que enfatizam a qualidade agressiva, “um instrumento para ser empunhado, como uma espécie de arma, intimamente ligado tanto à violência como à violação” (p.64). Não apenas o pênis, mas toda a região genital está associada à força e à coragem. Ter “culhões” significa ter coragem, ou “bater o pau na mesa”, assumir a liderança.

O autor observa que, quando a representação está relacionada ao corpo feminino, os termos que se referem à vagina remetem a um sentido de inferioridade e imperfeição: boceta, buraco, xoxota, racha, carne mijada, aranha, baratinha etc. É, portanto, através da linguagem que as diferenças anatômicas entre os dois sexos são transformadas em categorias hierárquicas.

Conclui que, através da linguagem os brasileiros não só hierarquizam os órgãos genitais como também estabelecem uma distinção entre passividade e atividade na interação sexual.

Retomando os conceitos desenvolvidos no início do século passado, Parker (1991) nos lembra que no sistema patriarcal a ideia de homem não é construída somente em oposição à de mulher, em que ele é o ativo e ela, passiva. A

masculinidade tinha também como oposição uma outra figura, denominada pejorativamente por bicha ou viado. O bicha ou viado (aquele que é penetrado) mobilizava grande carga emocional pela ambiguidade entre sua fisionomia masculina e a inversão das categorias culturais de ativo para passivo, isto é, “efeminação anômala do que deveria ser na verdade virilidade e atividade masculinas”. (Parker, 1991, p.77).

Desta forma, nas relações sexuais entre dois homens, aquele que penetrava mantinha sua identidade masculina, mas

o viado ou bicha, o parceiro “passivo” nessas relações, é inevitavelmente transformado, não apenas a seus próprios olhos, mas também aos olhos de seu parceiro ou parceiros e aos de quaisquer outros indivíduos a sua volta que saibam de suas práticas sexuais. Ele é desvirilizado. Torna-se, através de sua atuação, uma fêmea simbólica. (p.78).

Ainda hoje, vemos nestas declarações a reprodução da ideia que associa a penetração à masculinidade:

[Pai] *Ele já namorou firme... Já me disseram que há homens que não se contentam somente com mulheres... Não deixam de ser muito machos... Até mais do que os outros!* (Modesto, 2008, p.131)

[Mãe] *Esse desmoronar de sonhos... Que meu filho iria se casar, me dar netos... Acho que por isso penso em coisas desse tipo e perguntei pra Edith sobre a questão do ativo e do passivo... Foi mais ou menos porque, lá no fundinho, eu ainda pensava: “Se ele for ativo, é porque é mais macho.”* (Modesto, 2008, p.202)

Green (2000) nos lembra que no início do século passado os homens efeminados, desvirilizados, se identificavam com o papel feminino e se apresentavam com alguns marcadores femininos como maquiagem, depilação e com trajes não convencionais aos homens. Essa transgressão à norma de gêneros ampliava sua visibilidade e os tornava vulneráveis à rejeição e agressões.

Rupturas com os modelos masculinos continuam a provocar repulsa:

[Mãe] *Não se tornou feminino, nem usa meus cosméticos. Mas fez luzes no cabelo e passou a usar um anel... Eu fiquei enojada.* (Modesto, 2008, p.111)

[Pai] *Se meu filho fosse uma bichinha, eu não ia aguentar...* (Modesto, 2008, p.134)

[Mãe] (...) *estou muito tensa e não sei o que fazer. Estávamos conversando e meu filho me pareceu bem efeminado, pensei em dizer assim pra ele: “Meu filho, não sei se você está relaxado, mas está falando bem efeminado, ou é impressão minha? Você sempre falou normal, por que isso agora?”* (...) (Modesto, 2008, p.132)

Mesmo que a atitude faça parte apenas de uma brincadeira de criança.

[Pai] *Eu entrei no quarto, ele estava com o robe da mãe, dando mamadeira pra boneca... Fiquei apavorado!...* (Modesto, 2008, p.49)

[Mãe] *Quando ele era pequeno, colocava uma camiseta na cabeça pra fingir que tinha cabelo comprido... Gostava das bonecas da irmã... Eu ficava apavorada! Eu aceito tudo, mas filho bicha, não...* (Modesto, 2008, p. 48)

[Filho] *A única coisa de que me lembro da infância, foi uma vez que eu me vesti com as roupas da minha irmã e meu pai e minha mãe chegaram em casa e meu pai me deu uma surra. Foi a única surra que tomei na minha vida, porque eles não eram desse tipo. Mas meu pai ficou acabado, porque eu estava lá vestido de menina e eu me lembro disso. Foi um certo trauma... Eu devia ter uns 4, 5 anos. Eu estava me achando lindo e estava esperando eles pra mostrar...* (Modesto, 2011, p. 77)

Luiz Mott (2014) resume as condições que nos levaram a desenvolver uma sociedade que valoriza o machismo e que, como o inverso de uma mesma moeda, mantém atitudes homofóbicas:

O machismo ibérico assumiu no Novo Mundo uma feição muito mais agressiva do que a observada em Portugal e Espanha à época das Descobertas. Nas Américas, somente com extrema violência e autoritarismo a minoria branca senhorial conseguia manter submissa a enorme massa populacional de índios, negros e mestiços. Daí ter-se desenvolvido um código de hipervirilidade, que repelia entre os machos brancos, como se repele a peste, qualquer conduta ou atitude efeminada, pois ameaçava os alicerces da manutenção dessa sociedade profundamente hierárquica. Aí está a raiz do machismo e da homofobia à brasileira, filhos bastardos da escravidão. (p.100)

A colonização do Novo Mundo não tinha finalidade apenas econômica. Parte da sociedade de minoria branca do período colonial, os padres, tinha como missão

disseminar o catolicismo e impor aos índios e negros os valores cristãos, incluindo a normatização da conduta sexual.

CAPÍTULO 2: OS PECADOS DA CARNE

Enraizada na ideologia da cultura popular herdada dos portugueses, a expressão religiosa dos primeiros tempos da colônia seguia um catolicismo caracterizado mais pelas liturgias domésticas de culto aos santos do que pelas doutrinas oficiais da Igreja Católica. A flexibilidade do catolicismo português se expressou num código moral mais relaxado, que tolerava o duplo padrão da moralidade sexual do patriarca e legitimava os valores populares referentes a divisão dos sexos, dominação masculina e virgindade. (Parker, 1991)

As doutrinas oficiais da Igreja católica, no entanto, também exerceram influência na subjetividade do povo brasileiro, especialmente no período colonial. A imposição da moral católica ficou mais evidente com os trabalhos da Inquisição. A Inquisição, além de ter focado em crimes contra a fé (prática do judaísmo), feitiçaria ou blasfêmia, também se interessou pelas condutas sexuais. Apenas as relações sexuais que ocorriam dentro do casamento monogâmico e com a finalidade de procriação foram consideradas legítimas. As demais, ilegítimas. (Parker, 1991)

Priore (2011) nos mostra que mesmo na cama do casal monogâmico havia regras que definiam as posições admitidas para o ato sexual.

Era proibido evitar filhos, gozando fora do “vaso”. Era obrigatório usar o “vaso natural” e não o traseiro. Era proibido à mulher colocar-se por cima do homem, contrariando as leis da natureza. Afinal, só os homens comandavam. Ou colocar-se de costas, comparando-se às feras e animalizando um ato que deveria ser sagrado. Certas posições, vistas como “sujas e feias”, constituíam pecado venial, fazendo com que “os que usam de tal mereçam grande repreensão, por serem piores do que brutos animais, que no tal ato guardam seu modo natural”, dizia a Igreja. (p.43)

As condutas consideradas ilegítimas foram associadas à ideia de pecado.

O que foi descrito como os “pecados da carne” emergiu claramente como uma das primeiras ameaças à vida do espírito e como uma das maiores

preocupações da Igreja Católica na sua tentativa de regular a conduta e as crenças do fieis (Parker, 1991, p.116).

A transgressão sexual passou a ser sentida não apenas como vergonhosa, mas também como um crime moral. O sexo tornou-se uma ameaça que poderia levar à condenação da alma. “E porque a noção de pecado é tão íntima e constantemente ligada ao comportamento sexual, a questão do sexo torna-se inevitavelmente unida à noção de culpa, num sentimento do eu como culpado.” (Parker, 1991, p.118).

A Igreja não se contentava em controlar a sexualidade do homem branco. Coube aos missionários, desde o início da colonização, combater também as várias práticas sexuais dos índios e negros escravizados. Além do combate à nudez dos nativos, “lutaram incansavelmente para limitar os tratos ilícitos e a mancebia dos brancos com mulheres de cor, erradicar a bigamia e a poligamia, além de reprimir os praticantes do abominável pecado de sodomia” (Mott, 2014, p.42)

Faziam parte das estratégias para a luta contra os atos ilícitos, considerados como ciladas do demônio, as ameaças com o fogo do inferno ou com o fogo da Inquisição. (Mott, 2014)

Apenas em 1821 foi extinto o tribunal da Santa Inquisição e com isso a Igreja perdeu a força para fiscalizar e reprimir violentamente aqueles que se desviavam dos códigos da moral cristã. (Mott, 2014).

A ideia de pecado e culpa, no entanto, já estava inscrita na cultura brasileira. Hoje, apesar da perda de poder do catolicismo no Brasil, outras religiões com raízes na tradição judaico-cristã mantêm o discurso condenatório das práticas homoafetivas.

[Mãe] *Eu não aceito, está contra a palavra de Deus, isto é coisa do demônio. Tiramos o celular e o computador dele... São instrumentos do mal... Proibimos ele de falar com os amigos, emissários do demônio que levaram ele para o mal... Ele está fechado no quarto com a palavra de Deus e nós oramos o dia todo por ele. Ele passou no vestibular pra medicina, mas Deus me instruiu a não deixá-lo ir para cidade grande agora porque ele vai se perder...* (Modesto, 2008, p.322-323)

[Mãe] *Acho que não vou poder mais vir na reunião... A minha dificuldade é com as filhas. Elas me dizem “você já vai naquele lugar que faz a gente aceitar? Como você quer que ele seja libertado? Isso é um pecado e você está empurrando ele para o demônio...”* (Modesto, 2008, p.323)

Os depoimentos acima foram dados por mães evangélicas. Outra mãe, também evangélica, faz o seguinte depoimento:

[Mãe] (...) *A doutrina que eu sigo é bem rígida. (...) Muitas coisas não são lícitas dentro da minha igreja. Então a gente cria os filhos num único objetivo que é o da salvação, o da vida eterna. Quando eu me deparei com a homossexualidade do meu filho, eu só pensei na salvação da alma dele. Ele iria para o inferno, já estava condenado ao inferno, não teria salvação. (...) Quando eu soube, quando meu filho conversou comigo, eu perguntei a ele: “Filho, você orou, você pediu a Deus pra te libertar, pra tirar isso de você?” E ele respondeu: “Orej, sim, mamãe. Orei muitas vezes de rosto no chão, mas Deus não me ouviu.” (...) É muito difícil pra uma mãe. Eu quero pedir a Deus que ele tenha uma vida normal, ao mesmo tempo eu quero aceitar que ele vai ser assim pra sempre... Então eu estou dividida!* (Modesto, 2008, p.323)

Modesto (2008) verifica que, em geral, a religião é o maior obstáculo na aceitação da homossexualidade do filho pelos seus pais. Explica que os pais consideram que o filho estará condenado por toda eternidade e sem possibilidade de salvação. Os filhos religiosos, por sua vez, também enfrentam grande dificuldade em se aceitar.

Bruscagin (2008) observa que é através de um sistema de crenças, formado a partir dos hábitos culturais e da tradição de um grupo social, que as pessoas interpretam o mundo e estabelecem os valores que norteiam suas vidas. Nas pessoas religiosas os valores morais estão profundamente ancorados no sistema de crenças da religião a que pertencem. Por outro lado, a autora também observa que as pessoas religiosas podem compreender “suas experiências como sendo influenciadas pela intervenção divina” (p.27)

A mesma mãe do depoimento anterior, transcorridos dois anos, mantém sua visão de mundo permeado pelo sagrado. Ela, no entanto, passa a entender que Deus lhe abre as portas para a aceitação do filho. A crença no sagrado passa, então, a lhe trazer conforto.

[Mãe] *Eu estou sentindo a volta do carinho e atenção do meu filho para comigo, depois de longos anos sentindo-o afastado de mim. Eu tive boa*

parte de culpa nisso, por não saber lidar com as duas coisas ao mesmo tempo: minha religião e a homo do meu filho. Agora, primeiramente graças a Deus e a vocês do grupo, que Ele colocou no meu caminho, estou me sentindo a mesma mãe de anos atrás. Eu continuarei firme servindo a Deus, onde caminho há mais de quarenta anos, e procurando entender o filho que Ele me deu (...) (Modesto, 2008, p.323-324)

Em outros depoimentos colhidos por Edith Modesto depreende-se que o discurso religioso pode facilitar a aceitação do filho homossexual.

[Pai] *Eu e minha esposa temos um trabalho pastoral dentro da igreja há muitos anos, na Igreja Católica. E a gente percebe que a Igreja não discute muito esse assunto homossexualidade. Até porque ela teria de discutir o clero, porque a gente sabe que grande parte do clero é homossexual... Então esse é um problema que está dentro da igreja. Só que o nosso trabalho foi sempre com noivos, com família, com pessoas que estão buscando, procurando... E esse nosso trabalho envolve acolhimento, envolve inclusão e esse foi o motivo que fez a gente aceitar a homossexualidade do nosso filho com mais facilidade. (...)* (Modesto, 2008, p.322)

[Mãe] *(...) O budismo me ajudou porque ensina a olhar o ser humano na sua essência. Então me ajudou a olhar meu filho como ele é e não como eu sonhei que ele fosse, mas ele como um ser humano que ele é. O budismo deixa a pessoa livre, se ela é feliz. Se a homossexualidade deixa a pessoa feliz, ela pode praticar livremente. (...)* (Modesto, 2008, p. 327)

[Pai] *O judaísmo não é uma coisa única. Existem várias correntes, desde a ultra-ortodoxa até a ultraliberal. Quando eu soube da homossexualidade do meu filho, eu procurei quem estava por perto. Apesar de eu não ser praticante, procurei os ortodoxos, caí nas mãos deles e me arrependi por tudo que me falaram. [Fui procurar outro rabino] e ele me tratou muito bem, com carinho, e falou que eu tenho de acolher o meu filho. E que, antes da religião, está o meu filho. E que o judaísmo não é parado no tempo, é dinâmico. (...)* (Modesto, 2008, p. 324)

[Mãe] *Eu tenho um filho gay e uma filha lésbica. A doutrina espírita tem nos ajudado a superar essas atuais circunstâncias, porque ela nos abre um leque para o entendimento mais profundo do problema. (Modesto, 2008, p. 328)*

Iniciamos este capítulo mostrando que o papel de regulamentação da sexualidade exercido pela Igreja católica levou à condenação da prática homossexual. Terminamos mostrando que, por outro lado, o discurso religioso também pode auxiliar na aceitação da homossexualidade.

A Igreja, no entanto, não foi a única instituição a regulamentar a conduta sexual do povo brasileiro. A partir do século XIX, também a medicina teve papel na organização e regulamentação da sexualidade. Substituindo a Igreja, os ditames da medicina passaram a enquadrar as condutas consideradas saudáveis e as patológicas.

CAPÍTULO 3: DOENÇAS DO CORPO E DA ALMA

A declaração de Independência do Brasil e conseqüente formação de um Estado centralizado e o desenvolvimento de um sistema capitalista provocaram o declínio da oligarquia rural e conseqüente atenuação do poder patriarcal. Motivada pelas mudanças econômica e política, a população começou a migrar para os centros urbanos. (Parker, 1991)

Com o crescimento da população urbana, surgiram novos problemas. Em resposta às novas demandas, a medicina assumiu o protagonismo com o objetivo de desenvolver estratégias de higiene que ajudassem a preservar a saúde da população. (Parker, 1991)

A medicina

armada com as estratégias corretivas da higiene social, chegou a desempenhar um papel importante na organização e regulamentação da vida sexual, na classificação das práticas sexuais, assim como na definição dos desejos sexuais, em termos de uma nova economia simbólica de doença e saúde. (Parker, 1991, p.123-4).

Aparentemente ecoando a ideologia religiosa, a medicina também enfatizou a atividade sexual com fins reprodutivos. A reprodução, no entanto, deixou de ser compreendida como uma determinação divina ou como afirmação de masculinidade e passou a ser o indicativo de saúde e bem-estar da população. De acordo com o entendimento médico higienista, a energia sexual deveria ser canalizada para a reprodução responsável, contribuindo para o aumento da população saudável e progresso do país. (Parker, 1991)

Consequentemente, as práticas sexuais voltadas exclusivamente para o prazer, como a masturbação, prostituição, libertinagem, homossexualidade, foram consideradas doentias e passivas de tratamento e cura.

Foi desenvolvido um novo conjunto de classificações sexuais, o qual, embora muitas vezes paralelo às categorias da tradição patriarcal, destinava-se menos à articulação de uma hierarquia de gênero do que à análise e tratamento das anormalidades e perversões, em descobrir as raízes de promiscuidade e afirmar a normalidade da sexualidade reprodutiva. (Parker, 1991, p.125)

As teorias da época enfatizavam os efeitos deletérios da masturbação tanto em crianças como em adultos. Descrita como causadora de degradação física e moral dos jovens, tornou-se fonte de preocupação da higiene social e dos médicos. (Parker, 1991)

Se a masturbação representava uma ameaça à saúde dos jovens, a prostituição, a libertinagem e a homossexualidade representavam um ataque ao cerne da sociedade, a família nuclear. (Parker, 1991)

As prostitutas eram consideradas as causadoras da decadência moral do homem e de sua degeneração física. Identificadas como foco disseminador de doenças sexualmente transmissíveis, ao mesmo tempo eram toleradas como um mal necessário para ajudar a aliviar o impulso sexual masculino que muitas vezes era considerado como incontrolável. (Parker, 1991)

Apesar de representarem preocupações para os órgãos públicos do século XIX, nem a masturbação, a libertinagem ou a prostituição “questionavam tanto a ‘naturalidade’ da reprodução e da família quanto o homossexualidade” (Parker, 1991, p.129).

Nesse período entra em cena o termo homossexual, termo cunhado por Karl Maria Kertbeny, médico austro-húngaro. (Trevisan, 2000).

Parker (1991) enfatiza que a figura do homossexual

é diferente quando comparada tanto ao viado da cultura popular quanto ao sodomita da tradição religiosa. O viado era definido pelo seu papel passivo nas relações entre pessoas do mesmo sexo e o sodomita por sua preferência pela relação anal, fosse com pessoas do mesmo sexo ou do

oposto. O homossexual seria definido pela sua escolha de seu próprio gênero como o objeto do desejo sexual. (p.130).

Com o desenvolvimento da psiquiatria, os comportamentos que se desviavam do que era considerado normal deixavam de ser considerados crimes para ser classificados como doença. Assim, o homossexual deixou de ser criminoso ou pecador para se tornar um doente. E como doente, precisava ser tratado e curado. No início do século XX, médicos discutiam várias formas de intervenções, desde tratamento endócrino até internação em hospitais psiquiátricos. (Parker, 1991; Trevisan, 2000).

A ideia de tratamento e cura ainda está presente:

[Mãe] *Será que ele poderia tomar hormônio masculino?* (Modesto, 2008, p.128)

Green (2000) observa que nos anos 1930 o tratamento para o controle da homossexualidade era a internação. “Considerava-se que uma permanência de semanas ou meses no hospital iria alterar um desvio da pessoa e colocá-lo num caminho correto para a heteronormalidade.” (Green, 2000, p.229)

Possivelmente pelo insucesso do tratamento, os médicos ampliaram seus métodos acrescentando “convulsoterapia” (injeção de medicamento para provocar ataque epilético) e injeções de insulina para causar choque hipoglicêmico e conseqüentemente levar o paciente ao coma. A partir dos anos 1940, foram acrescentados eletrochoques. Esses tratamentos provavelmente tinham um objetivo acima de tudo disciplinador. (Green, 2000)

Trevisan (2000) nos alerta que no início do século passado, dentro do sistema psiquiátrico-jurídico, também se pensava em internar os homossexuais em instituições próprias para não misturá-los com outros doentes mentais ou criminosos. Isto porque se imaginava que a homossexualidade era passível de ser adquirida e de que a prática de relações homossexuais poderia viciar o praticante.

Apesar de serem conceitos discutidos há quase um século, segmentos de nossa sociedade ainda são afetados por essas ideias.

[Mãe] *Ele, eu tento aceitar. Mas não admito que saia com o irmão menor. Que exemplo ele irá lhe dar? Onde o levará? Não permito. E nem quero os amigos dele na minha casa. Deus me livre!* (Modesto, 2008, p.51)

[Mãe] *Hoje em dia não há mais respeito. Esse rapaz da cidade, lá onde ele trabalha, foi que levou ele para o mau caminho. Ele não é isso, não. Foi o outro...* (Modesto, 2008, p. 122)

[Mãe] *Eu me preocupo e me incomodo de ele querer sair com o irmão caçula quando sei que irá sair com seu grupo de amigos ou com o seu “amigo” [namorado]. Certa vez ele me perguntou se podia levar o irmão ao cinema e eu perguntei: “Quem mais vai? Sinceramente me incomoda saber que meu filho menor, hétero, de 16 anos, está saindo com esse grupo. Cheguei mesmo a prevenir o caçula que não saísse com ele, quando estivesse com o grupo. Não consigo evitar...”* (Modesto, 2008, p.128)

[Avó] *O meu maior medo é pelos meus netos. Será que não tem perigo deles virarem também?* (Modesto, 2008, p.51)

[Mãe] *Foi aquela turminha viciada e sem-vergonha que levou meu filho pra isso!* (Modesto, 2008, p.50)

Há também a crença de que a homossexualidade está associada à pedofilia.

[Mãe] *Ele gosta de trabalhar com crianças... Mas eu tinha medo de ver ele pegar uma criança no colo, eu achava que ele poderia mexer com alguma criança... E meu filho foi se afastando de mim... Eu caí em depressão, só chorava... Eu não conhecia a palavra pedófilo... Eu achava que, se meu filho era gay, ele ia sair com todo mundo... É como se ele fosse se prostituir... E que ele poderia mexer com alguém também. Mas isso foi de quando eu tinha a cabeça fechada... Eu ia perder o meu filho, certamente.* (Modesto, 2008, p. 40)

[Mãe] *Ele queria trazer os amigos pra dentro de casa... pra me conhecer... Eu fico com pena, mas não posso aceitar. (...) tem os outros filhos... O pequeno tem 6 anos... Tenho medo dos amigos dele perverterem o menino (...)* (Modesto, 2008, p. 39)

A medicina, no entanto, não era unânime em considerar a homossexualidade uma doença. Influenciados pelas ideias nazifascistas intensificadas na Europa e apoiados pelo autoritarismo do Estado Novo brasileiro, alguns setores da medicina

brasileira sugeriam a criminalização das práticas homoeróticas e consequente punição. (Trevisan, 2000)

Trevisan (2000) ressalta que no projeto de Código Penal (década de 1930) fora inserido o artigo 258:

Atos libidinosos entre indivíduos do sexo masculino serão reprimidos, quando causarem escândalo público, impondo-se a ambos os participantes detenção de até um ano. (conforme Trevisan, 2000, p.192)

Tal artigo não foi incluído no Código Penal de 1940, mas evidencia como a expressão homoafetiva em público, especialmente a masculina, provocava aversão, chegando a ser confundida com ameaça à ordem social.

Provocava aversão? Também nos dias atuais expressões públicas de afeto, que entre homem e mulher não causam desconforto, são reprimidas quando expressas entre pessoas do mesmo sexo. Basta lembrar como é polêmica a ideia de se apresentar um beijo entre gays nas novelas. Abraço entre homens pode resultar em agressão como a que aconteceu em Camaçari em 06/2012, ou em São João da Boa Vista em 07/2011. No primeiro caso eram dois irmãos que estavam andando abraçados enquanto no segundo, pai e filho.

Alguns pais também explicitam suas dificuldades em aceitar as manifestações afetivas entre o filho e seu namorado.

[Pai] *Tudo bem aceitar meu filho... Não tem o que fazer. Mas eu não consigo vê-lo com outro homem. Isso é demais pra mim.* (Modesto, 2008, p.148)

[Pai] *Na minha casa não entra macho namorado do meu filho. Minha filha tudo bem porque é garota e está quase noiva...* (Modesto, 2008, p.140)

[Mãe] *Eu me sinto desconfortável de receber o namorado dele em minha casa e agir como se tudo fosse natural. Pra mim não é e eu me sinto constrangida.* (Modesto, 2008, p. 125).

No nascer do século passado surgiu a psicanálise. Seu criador, Freud, não considerava a homossexualidade um desvio sexual ou uma anomalia. Apoiado na ideia de uma bissexualidade psíquica, considerava que se fazia uma escolha

inconsciente do objeto sexual. Na nota de rodapé acrescentada em 1915 aos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Freud deixou claro sua oposição a que se considerasse a homossexualidade uma patologia.

A pesquisa psicanalítica se opõe com o máximo de decisão que se destaquem os homossexuais, colocando-os em um grupo à parte do resto da humanidade, como possuidores de características especiais. Estudando as excitações sexuais, além das que se manifestam abertamente, descobriu que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual e que na realidade o fizeram no seu inconsciente. [...] A atitude sexual definitiva do indivíduo não se define senão depois da puberdade e é o resultado de numerosos fatores, nem todos ainda conhecidos: alguns são de natureza constitucional, os outros, porém são acidentais. (Freud, vol. VII, p.146 NR)

Por outro lado, também estava convencido de que a homossexualidade poderia se expressar mais facilmente em filhos criados sem a presença do pai, como explica na continuação da mesma nota de rodapé.

Entre os fatores acidentais que influenciam a escolha de objeto, descobrimos que a frustração (na forma de uma inibição prematura da atividade sexual, pelo medo) merece atenção, e observamos que a presença de ambos os pais desempenha um papel importante. A ausência de um pai forte na infância não raro favorece a ocorrência de inversão. (Freud, vol. VII, p.147 NR)

A ideia de que o pai ausente pode ser responsável pela orientação homossexual do filho ainda repercute nos dias atuais:

[Mãe] *Eu me separei do pai dele, ele era um bebê. O pai nunca se interessou... Ficamos eu, a avó e ele... só com nós duas... Ele não teve nenhum modelo masculino, acho que foi isso.* (Modesto, 2008, p.53)

[Mãe] *Eu me separei ele era muito novo. Nunca mais viu o pai. Penso que foi falta da presença masculina.* (Modesto, 2008, p.122)

[Mãe] *Eu culpei meu marido pela falta de atenção... Ele só trabalha e não conversava com o filho, não tomava conhecimento...* (Modesto, 2008, p.122)

Uma carta de 1935 enviada a uma mãe americana resumia a posição de Freud com relação à homossexualidade:

Percebo pela sua carta que seu filho é homossexual. Estou profundamente impressionado com o fato de que a senhora não menciona pessoalmente este termo, em suas informações sobre ele. Posso lhe perguntar por que o evita? A homossexualidade certamente não é uma vantagem, mas não é nada de se envergonhar, não é um vício, não é uma degradação, não pode ser classificada como uma doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual, produzida por determinada suspensão do desenvolvimento sexual. Muitos indivíduos altamente respeitáveis dos tempos antigos e modernos foram homossexuais, entre eles vários dos maiores homens (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci etc). É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como crime – e também uma crueldade. (...) (conforme Gay, 1989, p.551)

Para a época, as ideias de Freud referentes à homossexualidade eram pouco convencionais e nem todos os seus seguidores as compartilhavam. Ao contrário, seus discípulos e herdeiros se mostraram intolerantes com os homossexuais. A Sociedade Internacional de Psicanálise - IPA os proibiu de se tornarem psicanalistas. A própria Anna Freud, contrariando as ideias de seu pai, considerava a possibilidade de cura da homossexualidade através da análise. (Roudinesco, 2003)

Quanto aos kleinianos, viram na homossexualidade algumas vezes uma identificação com o pênis sádico e, em outras, um distúrbio esquizóide da personalidade acompanhado de uma paranoia excessiva. Os pós-kleinianos, por sua vez, falaram de “um distúrbio de natureza *borderline*, associando-a a uma desordem psíquica próxima da psicose”. (Roudinesco, 2003, p.188)

Somente a partir de 1970, com os movimentos de liberação sexual, que se deixou de ver a homossexualidade como doença, mas como uma prática sexual marcada pela diversidade. “Falou-se então *das* homossexualidades e não mais da homossexualidade, para significar que esta não era mais uma estrutura imutável, mas um componente multiforme da sexualidade humana”. (Roudinesco, 2003, p.185)

A partir de 1974 a Associação Americana de Psiquiatria excluiu a homossexualidade da lista de doenças mentais. Foi seguida, em 1975, pela Associação Americana de Psicologia. (Roudinesco, 2003)

Em 1993 a Organização Mundial de Saúde excluiu a homossexualidade do Cadastro Internacional de Doenças – CID (Trevisan, 2000) e em 1995 o Conselho

Federal de Medicina do Brasil – CFM deixou de considerar a homossexualidade como desvio sexual.

O Conselho Federal de Psicologia promulgou a Resolução nº 1, em 1999, onde “estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual”. Deixa claro que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão” e que “os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades”.

Vimos que a medicina deixou de considerar a homossexualidade uma doença por força das discussões surgidas nos grandes movimentos de liberação sexual que ocorreram tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Veremos a seguir como esses grandes movimentos internacionais afetaram o comportamento do brasileiro.

CAPÍTULO 4: ANOS DOURADOS, ANOS REBELDES E ANOS DE PÂNICO

Desde 1945 - com o fim da II Guerra Mundial e da queda de Getúlio Vargas e do Estado Novo - até o início de 1964, o Brasil viveu numa democracia. A crescente industrialização nos anos 1950 acentuou a migração do meio rural para os grandes centros urbanos. A partir dos anos 1960 a população urbana superou a rural e continuou a se expandir.

O período pós-guerra foi marcado pela prosperidade econômica que facilitou a expansão da classe média urbana. Em paralelo, com o estreitamento das relações brasileiras com os Estados Unidos, tanto a produção industrial norte-americana quanto a cultural invadiram o mercado brasileiro e afetaram nosso comportamento. (Parker, 1991; Green, 2000)

Jornais, revistas, filmes estrangeiros e histórias em quadrinhos norte-americanas informavam os leitores sobre as últimas novidades em moda, estilo e padrões culturais provenientes de Nova York, Hollywood, Paris e Roma. (Green, 2000, p.252)

A partir daí, iniciou-se uma nova fase em que os papéis tradicionais masculinos e femininos começaram a ser questionados.

Nesse período, mais mulheres buscaram uma formação profissional e se inseriram no mercado de trabalho. Apesar disso, ainda se esperava que a mulher se mantivesse virgem até o casamento e que, depois de casada, se dedicasse aos cuidados da casa e da família, sob a dominação do marido. (Green, 2000)

Assim como nos períodos anteriores, também nos anos 1950 os rapazes homossexuais tinham dificuldades de encontrar espaços de sociabilidade. Frequentavam lugares restritos, caracterizados pela escuridão, como os cinemas. Dessa forma, “a vivência homoerótica levava à prática de uma subcultura masculina, marginalizada.” (Müller, 2013, p. 318).

Somente no início dos anos 1960 surgiram, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, bares exclusivamente gays. Foi nesse período também que começou a circular um jornal carioca dirigido especialmente ao público gay: O Snob. Antes, no entanto, as areias e as ruas de Copacabana, bem como sua agitada vida noturna já haviam se tornado um oásis para os homossexuais que viviam em outras cidades, pressionados pela família para o casamento. (Green, 2000)

Luiz Carlos Muñoz, em depoimento para o documentário *Bailão*, dirigido por Marcelo Caetano em 2009, descreve a vivência do rapaz homossexual em busca de espaço para encontros afetivos e sexuais:

Eu fui criado numa sociedade onde ser homossexual era ser criminoso, era ser pecaminoso, uma coisa feia, uma coisa que não se conta, uma coisa vergonhosa. Então, o meu desejo foi levado... meu desejo ele foi ensinado a se manifestar somente em situações ligadas à marginalidade: Noite! A palavra noite é feminina já notaram? Dia é masculino: claro, luz, razão, precisão! Noite é feminina: escura, obscura, indefinida, marginal!... Então, meu desejo foi educado para ser avivado em locais tipo barzinhos à noite, becos escuros, saunas... Os tipos de caras que me atraem são caras assim, mais ou menos, que lembram esse ambiente, submundo de coisa assim. (Conforme Müller, 2013, p.319)

A exclusão que a sociedade durante séculos impôs ao homossexual, o levou não só aos becos, às praças mal iluminadas ou ao “escurinho do cinema” como também à prostituição. E fixou-lhe o estereótipo de promíscuo e criminoso.

[Mãe] Eu fico muito preocupada. Eu sei que homossexual é tudo promíscuo... No escuro, nem se enxergam... Eles transam uns com os outros sem proteção. Um horror! Tem as doenças... Alguns, revoltados, querem passar a doença para os outros... Perigo de morte, Deus que nos proteja! (Modesto, 2008, p.151)

Os jovens da década de 1960 foram os protagonistas de várias mudanças sociais que atingiram os comportamentos, a cultura e a política. Falamos de jovens de classe média, na maioria estudantes universitários e que tiveram seus comportamentos afetados tanto pela facilidade de acesso aos meios de comunicação quanto pelos questionamentos originados nos meios acadêmicos. A produção cultural teve grande influência na construção da identidade daqueles jovens. “Ícones da cultura de massa, heróis de cinema, atores, cantores passam a representar os anseios e modismos de diferentes gerações, marcando suas singularidades.” (Müller, 2013, p.305)

Na década de 1960 o movimento estudantil ganhou força e a União Nacional de Estudantes – UNE passou a ter um papel de destaque. Com o golpe militar, no entanto, o movimento teve que se reorganizar. As mulheres, embora minoria, tiveram participação no movimento estudantil e algumas chegaram a ir para a luta armada. Mas, como na política os valores e regras são em geral masculinos (virilidade, força e dominação), a regra para a participação das mulheres exigia que desenvolvessem os atributos considerados viris sem deixar de aproveitar a “fragilidade feminina” quando estivesse a serviço da causa revolucionária. (Müller, 2013)

Conforme nos explica Müller (2013),

a esquerda revolucionária, apesar de lutar pela construção de uma sociedade mais justa e solidária, por uma nova humanidade, reproduziu relações machistas com suas mulheres, principalmente quando relegavam a posição feminina simplesmente a “companheira do fulano” – parte escolhida da herança do patriarcado. (p.332)

Entre os grupos revolucionários, a homossexualidade também era vista com muitas reservas. Na luta pelo ideal político, o homem deveria ser um guerrilheiro viril e másculo. Em função desse ideal, a experiência homoafetiva deveria ser negada. (Müller, 2013)

Herbert Daniel, militante de organizações guerrilheiras, como a Polop (Política Operária) e VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), foi um desses que, em nome da aceitação no grupo e das suas práticas revolucionárias, negou sua sexualidade durante anos. (Müller, 2013, p.322)

Green (2000) observa que apesar da mão pesada dos militares na repressão aos movimentos de oposição ao regime e o discurso em defesa do que era considerado “a moral e os bons costumes”, os espaços de socialização dos gays e de encontros homoeróticos como bares, discotecas e saunas eram tolerados.

A repressão política também não conseguiu conter a expressão do movimento de contracultura.

Entre os novos desafios aos valores sociais hegemônicos estavam o uso de drogas, uma rejeição à sociedade de consumo (...) e a desestabilização dos códigos sexuais, especialmente nas questões da virgindade feminina antes do casamento e da heterossexualidade normativa para homens e mulheres. (Green, 2000, p.409)

No começo dos anos 1970, vários artistas desafiaram as representações padronizadas do masculino e feminino ao popularizarem a figura unissex, como Caetano Veloso, ou ambígua, como Ney Matogrosso e o grupo Dzi Croquettes. (Green, 2000)

Era o momento do “desbunde” ou “desbum”. (Trevisan, 2000)

Alguém desbundava justamente quando mandava às favas – sob aparência frequente de irresponsabilidade – os compromissos com a direita e a esquerda militarizadas da época, para mergulhar numa liberação individual, baseada na solidariedade não-partidária e muitas vezes associada ao consumo de drogas ou à homossexualidade (então recatadamente denominada “androgenia”). (Trevisan, 2000, p.284)

Acompanhando os questionamentos do movimento feminista ao sistema patriarcal, os homossexuais passaram a questionar o modelo hierárquico bicha/bofe. Por um período, usaram a palavra “entendido” para definir o homossexual que não adotava o papel de gênero feminino ou masculino. (Green, 2000)

A masculinidade já não era mais dissociada da homossexualidade. Em vez de ser “isso” ou “aquilo”, podia-se ser ambos. Mas isso não quer dizer que um sistema sexual substituiu o outro. O surgimento de um novo modelo coexistia com a polaridade bicha/bofe. O processo teve início na classe média urbana, ao passo que os homossexuais de áreas rurais e das classes mais baixas, com menos acesso a modelos alternativos, tendiam a reproduzir a construção bicha/bofe. (Green, 2000, p.427)

Livros e peças teatrais passaram a apresentar a temática homossexual de forma positiva ou retratar os efeitos destrutivos da homofobia. Aumentaram as publicações dirigidas ao público gay na chamada imprensa alternativa. (Green, 2000)

A partir de 1976, surgiram grupos de discussão sobre questões ligadas à homossexualidade. Como resultado,

psiquiatras, sexólogos e acadêmicos começaram a publicar um material mais favorável sobre relações homoeróticas na imprensa e nas revistas especializadas. Em vez de se apoiar nos escritos médico-legais das décadas de 1930 e 1940, esses autores em geral apresentavam a ideia de que a homossexualidade era apenas um entre muitos diferentes comportamentos sexuais possíveis, e não uma patologia. (Green, 2000, p.433)

Em paralelo, o assunto sexo passou a ocupar o discurso público.

Em filmes, rádio e televisão, tanto nas revistas e jornais da elite como nas populares, nos livros mais vendidos, na verdade, em quase todas as áreas da moderna indústria da comunicação, o sexo tornou-se um dos tópicos favoritos de discussão pelo Brasil. (Parker, 1991, p.137)

A afluência de discursos se contrapôs aos valores tradicionais e abriu espaço para se considerar que a sexualidade pode ser expressa de diversas formas. Desta perspectiva, a noção de normalidade e anormalidade perdeu o significado. Passou-se a falar em comportamentos ou práticas convencionais ou não convencionais.

Assim, a própria noção de doença sofreu uma reviravolta nessas recentes reformulações. Longe de estar situada nos corpos e práticas de determinados indivíduos, a doença é produzida pelas superstições e repressões da própria sociedade e o caminho da saúde está menos no diagnóstico e tratamento de pacientes específicos do que na modernização da moralidade sexual. (Parker, 1991, p. 142).

Parker (1991) conclui que os meios de comunicação foram fundamentais para urdir no tecido social novos valores. Tornando mais complexa a trama, acrescentou-se aos discursos formais religiosos e médico, o discurso da diversidade sexual.

Convém abrir um espaço para se destacar a influência das telenovelas brasileiras na visibilidade da questão gay.

Lopes (2007) esclarece que a novela brasileira é, sobretudo, uma narrativa sobre a família, mas que também se caracteriza por integrar temas associados à conjuntura social do momento.

Segundo a autora, as novelas brasileiras dos anos 1970 e 1980 retratavam apenas as angústias das famílias de classe média de São Paulo e Rio de Janeiro. A partir dos anos 1990, com a redemocratização, a globalização e os movimentos sociais, os temas passaram a abordar as mudanças de comportamento. Temas até então considerados tabu, entre eles, separação, família monoparental, segundo relacionamento e relacionamento homoafetivo passaram a ser apresentados.

Lopes (2007) considera que “tão importante quanto o ritual de assistir aos capítulos das novelas cotidianamente são a informação e os comentários que atingem a todos, mesmo àqueles que só de vez em quando ou raramente vêem a novela” (p.30). A opinião pública, portanto, afeta e é afetada pelo enredo associado aos temas abordados.

Exemplo de envolvimento do público pode ser observado na novela Amor à Vida (exibida de 20/05/2013 a 31/01/2014), de Walcyr Carrasco. O personagem Félix (Mateus Solano), um vilão que se regenera e é vítima da homofobia do pai César (Antonio Fagundes), caiu nas graças do público. Com o namorado Niko (Thiago Fragoso), protagonizou o primeiro casal gay a contar com a torcida do público pela sua união e pela apresentação de um beijo gay entre homens.

Os trechos de alguns artigos postados na internet sobre a cena do primeiro beijo gay entre homens exibido na Rede Globo mostram o alcance da novela na discussão desse tema:

O tão esperado beijo gay aconteceu entre Niko (Thiago Fragoso) e Felix (Mateus Solano) em "Amor à Vida". Ao longo da novela, alguns telespectadores já torciam pelo beijo gay entre Félix e Anjinho (Lucas Malvacini), que foi o primeiro parceiro dele na trama (...) Mas a campanha ganhou força pra valer, na reta final da trama, quando o ex-marido de Edith (Bárbara Paz), que caiu no gosto do público e obrigou o autor da trama a transformá-lo em mocinho, envolveu-se com Niko. (Acessado em 30/03/2014).

Não se falou de outra coisa no fim de semana - principalmente nas efervescentes redes sociais. O beijo entre os personagens Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso), no último capítulo da novela *Amor à Vida*, ganhou contornos de final de Copa do Mundo ou transmissão do Oscar com incontáveis hashtags. (Acessado em 30/03/2014)

Quase duas horas depois do início do capítulo final de *Amor à Vida*, Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso) protagonizaram o primeiro beijo gay em uma produção de teledramaturgia da Globo. Na cena em que o dono de restaurantes se despede do vilão com um beijo no rosto, Félix o segura pelo braço e, em seguida, os dois se beijam. A prévia de audiência divulgada poucos minutos após a cena informa que o capítulo marcou 44 pontos no Ibope e 61% de share (participação no total de TVs ligadas). Cada ponto equivale a 65 mil domicílios na Grande SP. Na internet, havia uma torcida grande para que o beijo acontecesse. Na lista dos dez assuntos mais comentados no Twitter no Brasil estava a hashtag *BeijaFélixNiko*, que chegou a ficar em primeiro lugar. (Acessado em 31/03/2014).

Em estudo sobre a representação de personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo, Colling (2007) observa que na década de 1970 os personagens gays, na maioria, eram estereotipados e estavam ligados à criminalidade. A partir da década 1980, a presença de personagens homossexuais aumentou e passou a ocorrer uma alternância entre os personagens estereotipados da “bicha louca” e homossexuais sem trejeitos, vestimenta ou linguajar que os diferenciasssem. Na década de 1990, algumas tramas passaram a incluir o processo de revelação da orientação sexual e nos anos 2000, aumentou a presença de casais homossexuais nas novelas. Os casais homossexuais são apresentados conforme o modelo heteronormativo de casamento:

Pelo menos nestas personagens, desaparecem por completo as afetações e vigora o desejo de casar e de adotar crianças, ou seja, os casais gays pouco ou nada diferem dos casais heterossexuais considerados ideais em nossa sociedade. (p.217)

Cabe aqui observar que na sociedade brasileira muitos homossexuais têm manifestado o desejo de seguir o padrão heteronormativo, reivindicando o direito ao casamento e à adoção.

Colling (2007) enfatiza que não é possível apontar os motivos que afetaram as mudanças nas representações dos personagens homossexuais nas telenovelas. Lembra, porém, que

as próprias pressões dos grupos gays, a busca por audiência e a adequação aos modelos aceitos por ela, além de reflexos de uma cultura pós-gueto, podem estar entre as possíveis alternativas. (p.223)

Lopes (2007), por sua vez, entende que, no que se refere às questões sexistas expressas nas telenovelas,

o tratamento vem sendo crescentemente informativo, anti-dogmático e a favor da tolerância e do respeito às chamadas minorias. Neste aspecto, a novela parece configurar-se como uma linha de força na construção de uma sociedade multicultural no Brasil. (p. 29)

Acompanhamos as mudanças sociais e culturais que ampliaram a aceitação da homoafetividade. Esse processo, que teve início na segunda metade do século passado, continua ocorrendo. Nos anos 1980, no entanto, passou por um revés.

No início dos anos 1980, a militância homossexual foi confrontada com a AIDS. Conhecida no início como “peste gay”, por ter feito suas primeiras vítimas entre o grupo de homossexuais masculinos, os discursos conservadores não tardaram a apontá-la como uma doença moral. (Trevisan, 2000)

Se diante da fatalidade do câncer as pessoas sadias sentem pena, diante da Aids elas tendem a sentir raiva, a partir de um julgamento moral que a vê como doença do corpo resultante de uma alma conspurcada. (Trevisan, 2000, p.437)

Mesmo atingindo outros grupos: hemofílicos, homens e mulheres heterossexuais e bebês, na década de 1990 a AIDS ainda era associação aos homossexuais. Essa associação continua presente:

[Mãe] Eu morro de medo de doença... Eles vão nesses antros... Essa coisa horrível... homem com homem... E não é só Aids... Será que é perigoso passar pra gente? (Modesto, 2008, p.114)

Grupos homofóbicos intensificavam a agressão a frequentadores de espaços gays. Religiosos prometiam a cura gay. (Trevisan, 2000)

A ameaça de agressão ainda é real e amedronta também os pais:

[Mãe] *Quando ele sai à noite, eu não durmo enquanto não volta... É horrível! Eu sei que tem gente que bate, machuca e até mata eles... Eu me sinto em perigo todo o tempo...* (Modesto, 2008, p.100)

[Mãe] *Amigos, eu estou muito triste. Ontem, meu filho, uma amiga e um amigo meio efeminado saíram daqui de casa e foram para a lanchonete. Logo em seguida, um dos meninos voltou chorando, porque uns guris ficaram zoando com ele, chamando de “bicha” e outras coisas assim. A garota entrou em sua defesa e apanhou covardemente... Foi um deus=acuda... A menina também chegou chorando... Foi muito triste. Tinha muita gente lá, mas ninguém fez nada, só ficaram olhando... Fomos à delegacia dar queixa...* (Modesto, 2008, p.204)

[Mãe] *O que eu mais temia aconteceu. Meu filho foi a um bar com amigos e na saída eles foram seguidos por três homofóbicos que os espancaram duramente no estacionamento. Meu filho chegou em casa todo roxo, com o nariz sangrando e o lábio partido...* (Modesto, 2008, p.205)

No Brasil, foi desenvolvido um trabalho de prevenção e tratamento contra a AIDS que passou a ser reconhecido como modelo pela Organização Mundial de Saúde. Grupos de prevenção organizavam reuniões para esclarecimento e orientação. (Trevisan, 2000)

Trevisan (2000) constatou que:

nas reuniões de grupos de prevenção à Aids, [...] se mesclavam os mais variados tipos de pessoas, sem necessidade de ostentar “carteirinhas” de orientação sexual. Para discutir um problema (então) primordialmente relacionado com a vida homossexual, juntavam-se tanto homossexuais interessados quanto familiares das vítimas, voluntários/as, gente à procura de informação etc [...] Ficou claro [...] que homossexuais não existem à parte, num mundo confinado. (p. 464-465)

Dessa forma, entende o autor, a visibilidade dos homossexuais se ampliou e a sociedade teve que olhar para a fluidez do desejo.

Na tecedura social brasileira, portanto, se entrelaçam ideologias que muitas vezes se complementam, mas que também se contradizem, e que foram edificadas por fatores tão diversos, que não se esgotam nos até aqui estudados. Desta forma, não é possível falar em masculinidade no singular e sim, em masculinidades.

CAPÍTULO 5: COMO SE CONSTRÓI UM MACHO

Como nos diz Badinter (1993), “ser homem se diz mais no imperativo do que no indicativo. A ordem ‘seja homem’, tão frequentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente e que a virilidade não é, talvez, tão natural quanto se pretende.” (p.3).

A masculinidade, como construção social, se desenvolveu nos séculos passados principalmente no desafio em enfrentar os perigos e na demonstração de coragem. Afinal, “homem que é homem não chora”. Desde as primeiras sociedades humanas, o ritual de passagem dos meninos para a vida adulta implicou em dor e violência.

Já nos referimos à necessidade do jovem brasileiro que viveu no período entre a colônia e o Império demonstrar sua virilidade através da violência e do sexo. Embora o início da urbanização tenha exigido que os homens se sofisticassem, abrindo espaço também para os doutores, Sant’Anna (2013) nos alerta que o país se manteve violento apesar da urbanização. Eram comuns as emboscadas, navalhadas ou tiros em cidades como o Rio de Janeiro, então capital do país, e São Paulo no início do século passado.

Num contexto em que a masculinidade estava associada à coragem, o caráter másculo era construído logo cedo.

Acompanhando o desenvolvimento da masculinidade a partir da República, Sant’Anna (2013) nos explica que tanto a doença quanto a dor física na infância eram vistas como fundamentais para a formação do caráter:

As surras levadas dos pais eram comumente entendidas como necessárias para formar um caráter reto. Vara de marmelo e chicotes de couro figuravam como serpentes que tomavam vida contra o corpo infantil julgado desobediente. (p.250)

Somente os “homens de mentira” se apresentavam choramingando ou tremiam diante de qualquer ameaça. Para não serem confundidos com esses e não

serem excluídos socialmente, o homem não devia mostrar “receio de falar e, se fosse preciso, bater e lutar” (Sant’Anna, 2013, p.251).

Melo (2013), em seu estudo sobre a introdução de práticas esportivas a partir do século XIX, observa que o corpo masculino torneado através da ginástica e de esportes como remo, luta, atletismo e natação passou a representar o ideal de masculinidade. Arranhões, cicatrizes ou cortes resultantes das práticas esportivas tornaram-se indicativos do vigor e da coragem do competidor.

As práticas corporais institucionalizadas ofereceram para os homens, como poucas outras atividades, a alternativa de exercitarem simultaneamente o autocontrole corporal e a demonstração pública de desempenho, resultados de um processo de disciplina e de submissão a condições de privação, que estabelece não só parâmetros de diferença com as mulheres, como também de identificação intrínsecos ao mundo dos machos. (p.129)

Acreditava-se, portanto, que era na rigidez da educação, tanto em casa quanto na escola, que se forjava a masculinidade.

Reflexos desse discurso se apresentam até hoje quando, na visão de alguns pais, o excesso de afeto “amolece” o menino e não o torna másculo e heterossexual:

[Pai] *Foi mimo demais. Eu nunca vi mimar tanto... Menino não pode ser criado assim que dá merda... Veja o que ela fez com o me filho...* (Modesto, 2008, p.122)

[Pai] *Na época, eu viajava, e o garoto só ficava com a mãe. Eu cansei de falar pra ela... O garoto mamou no peito até 3 anos! Não saia do colo... Eu cansei de falar, ela estava fazendo ele virar uma bichinha...* (Modesto, 2008, p.52)

[Pai] *Nós nos separamos por um período, depois voltamos... Ela o mimava muito. Quando cheguei, levei um susto! O garoto nem se lembrava de mim... Ele falava, andava, tudo igual à mãe... Veja o que aconteceu!* (Modesto, 2008, p.52)

[Pai] *Esse anormal não é meu filho! Não pode ser... O que aconteceu com o meu filho? Só pode ter sido a mãe. Não educa, só adula, não tem regras, nada, faz o que quer... o filhinho da mamãe. Olha no que deu!* (Modesto, 2008, p.109)

Interessante observar que em todos os discursos acima as vozes são masculinas. Modesto (2008) nos conta que muitos pais tentam ser “durões” com seus filhos na esperança de que se tornem heterossexuais:

[Pai] *Isso é falta de regras, a mãe só passa a mão na cabeça dele... Falta de linha-dura. Eu pego ele de pau que ele pára com isso!* (Modesto, 2008, p.122)

[Filho] *Meu pai ficou uma fera. Ele me esbofeteou e me chamou de viado. Deu um murro na minha barriga e, quando eu caí, ele me deu pontapés...* (Modesto, 2008, p.261)

[Filho] *Meu pai comprou um chicote e me ameaçava. Tirou tudo de mim e me trancou no quarto. Fiquei sem celular, sem computador, sem escola, sem amigos...* (Modesto, 2008, p.261)

Novaes (2013) também nos mostra que “a história do Ocidente no passado exigiu um homem violento, agressivo, corajoso, vigoroso, necessário à demarcação de fronteiras e garantias do Estado.” (p.374)

Aparentemente, esse homem hoje não seria mais necessário, mas a masculinidade associada à força e violência ainda são legitimados pela sociedade. Assim, é através da violência que muitas vezes o homem afirma e reafirma sua virilidade. (Novaes, 2013)

Entrevistando praticantes profissionais de lutas marciais (*Mixed Martial Arts – MMA*), a autora verifica que tanto no discurso masculino de poder como no fascínio que os lutadores exercem sobre o público feminino estão presentes “as representações sociais conservadoras que colocam a mulher como sujeito fraco, carente de proteção e sempre em busca de um companheiro que por ela se responsabilize” (p.361).

Em alguns fragmentos de fala dos entrevistados, é possível verificar que a associação da masculinidade com a violência e com o comportamento heterossexual ainda é atual:

Aqui tem homem de verdade, a mulherada fica louca quando compara com os mauricebas do mercado financeiro ou com esses intelectuais frouxos da academia, aqui a galera tem pegada, chega junto (...) (Novaes, 2013, p.362-363)

Homem bom é o que tem pegada, que fala mais alto e não deixa a mulher cantar de galo e sabe por quê? Porque impõe respeito, mas é gentil, protetor, cavaleiro e cumpre o riscado ao pé da letra. (Novaes, 2013, p.372)

Na caminhada que fizemos pela História Social do Brasil observamos que só nas últimas décadas começou-se a questionar o discurso heteronormativo. As mudanças sociais, apesar de aceleradas, talvez ocorram apenas superficialmente, pois percebemos que a ressonância dos discursos mais tradicionais ainda está presente. Por isso, socialmente há uma ambiguidade entre o discurso que respeita a diversidade sexual e os comportamentos ou sentimentos de intolerância à homossexualidade:

[Mãe] Eu sou psicóloga, já trabalhei e trabalho com sexualidade... Com o relacionamento dos pais com seus filhos homossexuais... Eu nunca imaginei que teria tanta dificuldade de aceitação... (Modesto, 2008, p.54)

[Mãe] Eu sempre tive amigos homossexuais, nunca tive preconceito nenhum... Eu não entendo por que tenho dificuldade em aceitar meu filho! (Modesto, 2008, p.55)

[Mãe] Para ser sincera, eu me considerava uma mãe moderna, cabeça aberta, e a questão da homossexualidade poderia ocorrer, sim. Na casa do vizinho, de um parente distante, em qualquer lugar, menos na minha casa. Não era um fato sequer cogitado. (Modesto, 2008, p.55)

As falas dessas mães são um indicativo de que as mudanças subjetivas ocorrem num ritmo diferente das mudanças sociais. Sendo assim, como ficam os pais quando seus filhos resolvem “sair do armário”?

CAPÍTULO 6: PAI, MÃE, SOU GAY

É através da família que somos inseridos na sociedade. Isto a torna o primeiro núcleo de transmissão de crenças, valores, conceitos, preconceitos, papéis.

Os pais, portanto, cumprem um processo fundamental ao introduzir a criança na cultura, mas a rede social também tem papel importante na transmissão do modelo sociocultural. (Moguillansky, 2011)

Kublikowski e Macedo (2008), contudo, ressaltam que a transmissão dos valores culturais não ocorre de forma repetitiva,

pois os seres humanos, de posse de seu aparato de interpretar, produzem significados, renovam constantemente essas informações e mantêm uma cota de certezas relativas sobre o que é importante transmitir. (p.619)

Há, portanto, em cada um de nós tanto as vozes de nossos pais e dos nossos antepassados como dos atores que habitam o contexto cultural no qual estamos inseridos. Seus discursos se renovam a cada geração, mas com intensidade e nuances diferentes, já que temos a possibilidade de questioná-los e decidir se ainda são adequados ao nosso modo de vida atual.

6.1. MORRE O FILHO IDEALIZADO

Imersos nessa trama cultural, nos identificamos com o outro e construímos nossa individualidade, nossa identidade. Humanizamo-nos. (Moguillansky, 2011)

Se as primeiras identificações iniciam-se na família, os pais são os primeiros modelos. Em via de mão dupla, os pais também se identificam com os filhos e os reconhecem.

Ariès (1986) nos explica o sentimento da família moderna:

A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo e da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade, e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. (p.278)

Podemos, então, pensar que a família brasileira é herdeira de uma tradição heteronormativa. Dessa forma, o filho homossexual torna-se o diferente, o estranho em sua própria família.

Alguns pais falam do estranhamento que sentem com relação ao filho. Segundo Góes (2006), o sentimento de estranhamento é uma consequência dos discursos sociais impregnados de qualidades desfavoráveis, em nosso caso, com relação à homossexualidade.

[Mãe] *Eu cheguei a estranhar ele... Como se não fosse meu filho, como se fosse um estranho... Alguém diferente daquele que eu conhecia, que leva uma vida escondida, diferente da vida da gente... Tudo isso cheira a marginalidade, coisa suja...* (Modesto, 2008, p.108)

Edith Modesto (2008) descreve os próprios sentimentos:

Quando eu soube que meu filho era gay, senti que aquele não era o meu filho. Era como se fosse uma outra pessoa, um estranho que não tinha nada a ver comigo. Foi como se meu filho tivesse morrido e dado lugar a outro. Era um sentimento sofrido de: “Esse não é o meu filho; esse não foi o filho que criei.” (p.107)

Modesto (2008) ressalta que, por outro lado, entre o pai e seu filho, o estranhamento é mútuo. O homem sonha ver no filho seu próprio reflexo, afinal, é o filho que dará continuidade ao sobrenome do pai. O pai também espera ver sua masculinidade duplicada através do filho. Por outro lado, como o filho se sente diferente, não consegue tomar o pai como modelo. “Os filhos percebem que são diferentes e sentem medo de desapontar o pai, de frustrá-lo em suas expectativas... Eles se identificam mais com suas mães e se aproximam delas, afastando-se dos pais.” (p.252)

[Mãe] *Eu notei que, desde pequeno, esse meu filho e o pai não tinham uma relação estreita. Ele foi sempre muito mais chegado a mim. Meu filho nunca gostou de futebol, nunca se interessou por carros, não tem assunto nenhum em comum com o pai. (...)* (Modesto, 2008, p.254)

[Pai] *Ainda parece que estou vivendo um pesadelo... Não dá pra acreditar. Como pode existir um homem que não gosta de mulher?* (Modesto, 2008, p.256)

[Filho] *Naturalmente eu fui me aproximando da minha mãe. Meu pai é muito diferente de mim e é machão, agressivo... Tenho um pouco de medo dele.* (Modesto, 2008, p.213)

Em suas pesquisas, Defendi (2006) e Gouvêa (2010) também observaram que a aceitação da homossexualidade do filho pelos homens da família é um processo mais difícil. Nas palavras de Defendi (2006),

Ao abordamos essa questão masculinidade e homossexualidade, um dado que nos chamou a atenção, é que as famílias que apresentaram maior conflito em relação à homossexualidade de seus filhos são as famílias formadas somente por irmãos homens (...). Notamos que a presença do “masculino”, em como tradicionalmente determinado e aceito socialmente pode ser tão forte nessas famílias, que qualquer tipo de “desvio” dessa conduta – o de ser homem, comportar-se como homem enquanto papel rígido de gênero - ser mais forte, dominador – é ameaçado pela presença da homossexualidade, que questiona e subverte tais condutas. (p.86)

O filho, porém, não representa apenas a continuidade do nome da família paterna. Conforme Góes (2006),

Um bebê, ao nascer, confirma o pai e/ou a mãe nas suas respectivas ascendência e descendência, constituindo, assim, uma fantasia de transmissão com a dupla função de representar a posição dos pais na geração e de possibilitar que eles se defendam contra a angústia de uma ruptura na sua filiação, proporcionando-lhes, assim, sentimento de continuidade existencial e imortalidade egóica, além de corresponder aos ideais parentais. (p.456)

É através da voz dessas mães que ouvimos sobre a tristeza ao imaginar que a família não terá continuidade através do filho:

[Mãe] *Fui ao chá-de-bebê de uma sobrinha... Me deu um baixo-astrol que, no meio da festa, cheguei perto da minha irmã e as lágrimas escorriam sem eu querer. Todo mundo feliz e eu olhando aquilo tudo, e me dando uma inveja tão grande, não me envergonho de dizer. Mas a sensação foi essa mesma, por saber que eu não passaria por isso com o meu filho.* (Modesto, 2008, p.86)

[Mãe] *Eu me encontrei com a mãe do colega dele de infância. O filho dela está noivo. Morri de inveja. E quando ela perguntou do meu, eu lhe disse sorrindo que ele é muito mulherengo, fica de galho em galho... Depois fiquei envergonhada de mim...* (Modesto, 2008, p.160)

Góes (2006) ressalta que, além do sentimento de continuidade, o filho representa também aquilo que os pais gostariam de ser e transformam o filho no seu próprio ideal, naquele que vai realizar os sonhos paternos.

Helm Stierlin (citado em Cervený, 2012), amplia essa visão acrescentando o “conceito de *delegação* como um processo interpessoal e intergeracional”. (p.34).

A delegação está associada à ideia de lealdade, ou seja, os filhos recebem missões da família de origem às quais devem cumprir. Essas missões “estariam a serviço do id, ego e superego dos delegantes, que geralmente são os pais”. (Cervený, 2012, p.34)

Cervený (2012), acompanhando as ideias de Stierlin (1979), descreve as missões atribuídas a cada uma das instâncias. Em termos de id,

satisfazem aquelas necessidades afetivas mais primitivas que os pais não puderam satisfazer por si mesmos. O cumpridor dessa delegação pode ser aquele adolescente valentão, que se envolve em aventuras que excitam os pais, que não conseguiram vivê-las em suas próprias adolescências. (p.34)

Quanto às missões relativas ao ego “levam o cumpridor a ajudar, dar apoio à família, superar as dificuldades”. (p.34)

Por fim, as missões que dizem respeito ao superego estão relacionadas com suas próprias características freudianas, tais como autoideal, auto-observação, consciência, sendo que os cumpridores que aceitam a missão do autoideal parental tentam ser os atletas, os artistas ou outros modelos idealizados, que os pais não conseguem ser. (p.34-35)

Ivan Böszörményi-Nagy (2003), conforme Cervený (2012), também afirma que há um vínculo de lealdade entre as gerações. Refere-se a um “Livro de contas” da família que “consiste em um sistema multigeracional de obrigações e dívidas que devem ser pagas com o tempo”. (Cervený, 2012, p.23)

[Mãe] *Existe um diferencial muito difícil de ser contornado. Penso, às vezes, que exijo demais dele, como se dissesse: “Olhe, você tem um defeito de fábrica, então se supere em tudo mais.”* (...) (Modesto, 2008, p.160)

[Pai] *Pelo menos ele tem de ajudar em casa. Já não chega envergonhar a gente desse jeito?* (Modesto, 2008, p.160)

[Filho] *Eu sou um dos melhores alunos da escola, nunca houve reclamação, ganho prêmios, parabéns dos professores. Pretendo cuidar da minha mãe, que já fez tanto sacrifício pra me criar... Nunca vou deixá-la passar necessidade de nada. Por isso, tenho de me preparar.* (Modesto, 2008, p.221)

Cervený (2012) esclarece que não é importante saber em que momento a dívida ou a injustiça ocorreu, “pois sempre, em algum ponto futuro, haverá um movimento tendendo à retribuição ou pagamento”. (p.23)

[Filho] *Antes de morrer, ele [pai] se desculpou comigo. Ele disse que eu não parasse de estudar e que eu era um orgulho pra ele. E que ele me pedia desculpas pelo pouco amor que ele tinha me dedicado. Eu também acho que, se existe a necessidade de um perdão pra mim, esse perdão foi dado. Meu pai me perdoou porque eu o fiz sofrer muito...”* [muito comovido] (Modesto, 2011, p.76)

Cervený (2012) conclui que “antes de virmos ao mundo já temos um papel definido em uma família nuclear, extensa, de origem, e, em alguns casos, em uma família futura”. (p.38)

Assim, antes mesmo de nascer, os pais já começam a idealizar o filho. Idealização essa que é predeterminada pela cultura da família, de sua classe social e até mesmo da nação. (Moguillansky, 2011)

A descoberta de que o filho não corresponde ao ideal heterossexual pode provocar em alguns pais uma profunda angústia, pois assim como o filho não representa mais o ideal dos pais, os pais também deixam de representar seu próprio ideal. Tanto a imagem que os pais têm do filho como de si próprios é despedaçada. No lugar do filho entra “o homossexual”.

[Mãe] *Não tem jeito, só se eu morrer ou ele... Não aceito. Prefiro ver o meu filho morto!* (Modesto, 2008, p.88)

[Mãe] *Nada pior na minha vida poderia ter acontecido. Eu prefiro morrer e ver meu filho morto e não viado...* (Modesto, 2008, p.89).

E o filho é rejeitado:

[Pai] *Eu não aceito filho viado de jeito nenhum. Se ele insistir, pode esquecer que tem pai.* (Modesto, 2008, p.111)

[Mãe] *Eu nem sinto mais vontade de ser mãe do meu filho... Não consigo mais olhar pra ele.* (Modesto, 2008, p.111)

É como se a essência do filho passasse a ser a homossexualidade e essa se tornasse uma característica totalizadora que o definiria. Nesse sentido, julgo importante acompanhar o pensamento de Grandesso (2012). A autora aborda o tema do diagnóstico de doente mental, mas considero ser possível expandir suas ideias para outros rótulos que anulam todas as outras qualidades da pessoa.

Os termos de déficits mentais essencializam a natureza da pessoa, passando a funcionar como uma característica definidora de seu self, independentemente do tempo e do contexto. Um termo indicador de “problema”, nesse sentido, não fica circunscrito a um domínio particular da vida da pessoa, sendo completamente totalizador. Uma vez definida como tal, a pessoa carrega o déficit de um domínio de sua vida para outro, como se fosse uma marca de nascimento ou uma impressão digital, de modo tal que o déficit inevitavelmente se manifestará. (p.200)

O efeito desse caráter totalizador do termo homossexual, penso, está explicitado no depoimento abaixo.

[Filho] (...) *Nessa hora, eu fui para o meu quarto e involuntariamente chorei bastante, a senhora não sabe a dor que é ser desprezado pelo SER que mais te ama. Minha mãe não sente mais orgulho de mim, dá pra ver que ela não sente mais nenhum prazer em prover recursos para o meu estudo, pra ela pouco importa, pois o fato de me aceitar como gay anula todas essas minhas qualidades. Tudo que eu queria era ser compreendido e não mudado. Tenho medo de mostrar pra minha mãe todas as minhas qualidades e não obter resultado nenhum, tento ser amoroso com ela, agir normalmente, mas ela me fala do “caminho errado” que os jovens estão seguindo... Mas sei que ela é uma ótima pessoa e só está agindo assim porque tb não é fácil pra ela. (...) Isso tudo acaba me deixando um pouco pra baixo, pois não é fácil se torturar a vida inteira e, quando você decide ser sincero, não viver mais mentindo, não ser compreendido, mas com fé em Deus eu superarei isso.* (Modesto, 2008, p.87)

Quando não conseguem se reconhecer nesse filho “estranho”, os pais vivenciam a experiência do luto pela morte do filho que haviam idealizado. Freud (1976), em Luto e melancolia, nos explica que o luto “é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como (...) o ideal de alguém”. (v. XIV, p.275)

[Mãe] *Como a maioria, entrei em luto profundo. Sofri todas as amarguras daquela revelação e parecia que eu havia perdido o meu filho. Aquele que estava ali não era o meu filho querido e amado, era uma outra pessoa...* (Modesto, 2008, p.109)

[Mãe] *No ano passado, quando soube, me senti morta por dentro. Nada tinha mais razão de existir pra mim. Fiquei em luto profundo. Pensei que eu não iria resistir a tamanha dor que eu sentia. Não reconhecia mais meu filho, porque aquele que me disse que era gay não era o meu filho amado. Acho que essa foi a maior dor da minha vida. a grande perda que senti. Hoje, depois de chorar rios, de desesperar até o fim, estou bem melhor...* (Modesto, 2008, p.108)

[Mãe] *Eu não tinha vontade de me arrumar, não tinha vontade de tomar banho, não tinha vontade de comer, não tinha vontade de ir ao banheiro, não tinha vontade de trabalhar... Nada! É um luto profundo. Tudo perdeu a graça na minha vida. Você tem de tirar forças não se sabe de onde pra levantar da cama, pra ir trabalhar... Graças a Deus foi um período curto... Eu consegui sair dele.* (Modesto, 2008, p.182)

Como observa Modesto (2008),

esse período de luto (...) pode durar pouco ou permanecer enquanto nos reinventamos para aceitar aquele “novo” filho que não sabíamos que tínhamos. E o luto é também pelo que temos de matar em nós. Temos de matar partes nossas para aceitar aquele(a) “novo(a)” filho(a). Matar conceitos que tínhamos, maneiras de ser que acreditávamos serem as únicas; temos de matar os sonhos que construímos para ele(a)... Reinventar-se é construir uma nova identidade para nós, mais ou menos o que nossos filhos tiveram de fazer para eles. (p.107-108)

Freud (1976) distingue a melancolia do luto pela presença de auto-estima rebaixada. “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego.” (v. XIV, p.278).

Explica que a melancolia

É por um lado, como o luto, uma reação à perda real de um objeto amado; mas, acima de tudo isso, é assinalada por uma determinante que se acha ausente no luto normal ou que, se estiver presente, transforma este em luto patológico. A perda de um objeto amoroso constitui excelente oportunidade para que a ambivalência nas relações amorosas se faça efetiva e manifesta. (Freud, 1976, v. XIV, p.283)

Conclui que a ambivalência dos sentimentos implica em amor e ódio.

Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja – se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. (Freud, 1976, v. XIV, p.283)

Pelo caminho indireto da autopunição, se vinga da pessoa amada e a tortura:

[Mãe] *Eu tento respeitar, mas aceitar eu não consigo, sei que estou fazendo ele sofrer muito... Já fui nove vezes para o hospital tentando me matar. É muito difícil para uma mãe que só viveu para os filhos, nunca trabalhei, sempre fui MÃE, me sinto culpada por estar maltratando a minha família e principalmente a ele...* (Modesto, 2008, p.89)

6.2. PERÍODO DE CRISE

Os depoimentos presentes no livro de Modesto (2008) deixam claro que a revelação da homossexualidade do filho é vivida pelos pais como um momento de crise, como é denominado por Moffatt (1982), ou de estresse, como Carter e McGoldrick (1995) denominam.

Moffatt (1982), dentro da visão psicanalítica, distingue dois tipos de crise, a de crescimento, que faz parte da evolução da vida, e a traumática, que resulta de uma mudança abrupta e imprevista da vida. Podemos entender que as crises de crescimento dentro da família correspondem às mudanças de fase do ciclo vital familiar e considerá-las como passagens, como propõe Cerveny e Berthoud (2010).

De acordo com Moffatt (1982), a crise traumática é percebida como uma ruptura no que até então representava uma continuidade. A característica da crise traumática é a imprevisibilidade. “De repente, nos sentimos confusos e sós, o futuro se nos apresenta vazio e o presente congelado.” (p.13)

[Mãe] *Eu não tenho vontade de fazer nada. Só dormir, dormir e pensar. Meu marido está morto por dentro. Eu também já tive vontade de morrer e muita sensação de desânimo e cansaço.* (Modesto, 2008, p.114)

[Pai] *Eu estou confuso... É uma confusão entre uma raiva, raiva enorme! E uma tristeza imensa... Não sei o que fazer!* (Modesto, 2008, p.97)

[Mãe] *Eu me sinto muito só. Até Deus me abandonou... Eu tenho tantas dúvidas...* (Modesto, 2008, p.104)

Para Moffatt (1982), só é aceito como real aquilo que já foi concebido como possibilidade de ocorrer no futuro. A situação não prevista (pré-vista) e que coloca a pessoa como personagem de um fato não antecipado, é vivenciada como irreal.

[Mãe] *Eu me sinto como se tivesse acordado em um lugar desconhecido, com um filho que eu não reconhecia mais e onde minha vida havia perdido o sentido.* (Modesto, 2008, p.109)

[Mãe] *Parece que estou vivendo um pesadelo com tudo isso e eu queria muito acordar dele. Não sei se vou aguentar, não sei...* (Modesto, 2008, p.113)

[Mãe] *Tem dias que parece que vou enlouquecer! Não sei mais o que fazer. Por que Deus está fazendo isso comigo? Por que acontecer tudo isso na vida do meu filho? Eu não criei meu filho pra ser isso...* (Modesto, 2008, p.106)

Carter e McGoldrick (1995), por sua vez, consideram que o fluxo de ansiedade em uma família pode ser ocasionado tanto por fatores “verticais” quanto “horizontais”. Os fatores “verticais” incluem os padrões, mitos, segredos e legados familiares. São intergeracionais, sociais e culturais. Nos fatores “horizontais” estão incluídos os períodos de transição do ciclo de vida familiar, a que denominam de eventos predizíveis, e os eventos imprevisíveis (morte, enfermidades crônicas, nascimento de uma criança com limitações física ou mental, etc).

O ciclo vital familiar, além de ser vivenciado de forma diferente por cada família, também é fortemente afetado pelos fatores culturais. Por isso, prefiro me referir ao ciclo de vida familiar de acordo com o estudo desenvolvido por Cerveny e Berthoud (2010), que é brasileiro².

As fases observadas no ciclo vital familiar brasileiro são quatro:

² A pesquisa foi realizada no estado de São Paulo. Mesmo reconhecendo que, pelas características do Brasil, as relações familiares podem diferir de região para região, entendo que o estudo de Cerveny e Berthoud está mais adequado para a realidade brasileira do que as pesquisas estrangeiras.

- A fase de aquisição ocorre no período entre a união do casal e a entrada dos filhos na adolescência. Nessa fase, é definido o modelo próprio da família e ocorre a aquisição da parentalidade e dos objetivos comuns. (Cervený e Berthoud, 2009)

- Fase adolescente. Há, nessa fase, uma tendência de todos adolescereem.

Os pais revivem a própria adolescência, (...) preocupam-se com o aspecto físico; a hierarquia na família fica dissolvida entre pais e filhos, e as regras da primeira fase já não dão conta do bom funcionamento da família. [Fase de] mudanças importantes, como maior abertura ao diálogo entre pais e filhos e a flexibilização de valores e normas de conduta. (Cervený e Berthoud, 2009, p.26-27)

Não é, no entanto, um período tranquilo. Normalmente os filhos passam a questionar, muitas vezes de forma desafiadora, os valores e normas que até então eram aceitos.

O adolescente, por sua vez, está envolvido em lidar com as suas transformações físicas, especialmente as associadas à sexualidade, e com questões relacionadas a identidade, autonomia e perdas da infância. (Luisi e Cangelli Filho, 2010)

Para o adolescente que se descobre homossexual, o tumulto interno é muito maior. Envolve sentimentos da vergonha, ansiedade e desorientação. Ao mesmo tempo, o adolescente fica temeroso da reação dos pais. O isolamento, a confusão interna, a não aceitação e a dificuldade na relação com os pais fazem com que a proporção de suicídios entre adolescentes gays³ seja muito maior do que entre a população em geral. (Fulmer, 1999)

[Filho] *Mais de uma vez eu quis morrer. Como dizer aos meus pais uma coisa dessas?* (Modesto, 2008, p.38)

[Filho (16 anos)] *Infelizmente, a minha vida não está sendo nada fácil. É praticamente insuportável. (...) Esta semana já estava sendo muito difícil pra mim e eu me entristeci ainda mais. No domingo, tive uma crise muito forte tentei me suicidar... Minha irmã foi quem me socorreu... Eu estava praticamente morto, os médicos me colocaram uma sonda...* (Modesto, 2008, p.46)

³ Estes dados também se referem às adolescentes que se descobrem homossexuais. Enfatizamos apenas os adolescentes do sexo masculino por ser esse o objetivo do trabalho.

- Na fase madura, os filhos já estão adultos. É o período em que saem de casa, mas também é quando entram os agregados e netos, é “o início de perdas e de cuidados com a geração anterior, [de] preparo para a aposentadoria e [de] cuidado com o corpo tendo em vista o envelhecimento”. (Cervený e Berthoud, 2009 p.27)
- Na fase última, o casal está sozinho e perdeu seu protagonismo na família. Nessa fase “a viuvez talvez seja o fenômeno mais esperado e difícil”. (Cervený e Berthoud, 2009 p.27)

Considero importante caracterizar as fases do ciclo vital familiar nesse estudo por também ser um dos elementos estressores. A revelação, geralmente, ocorre no período em que a família está na fase adolescente ou entrando na fase madura. De acordo com minha compreensão, no entanto, a revelação da homossexualidade do filho é um evento imprevisível / imprevisível afetado também por estressores verticais, os discursos sociais homofóbicos. Volto ao tema no capítulo 8, focando então o processo terapêutico. Dedico-me, agora, a acompanhar os desdobramentos emocionais vivenciados pelos pais.

A ocorrência de um fato imprevisível que provoca sofrimento intenso faz com que se perceba o mundo como um lugar ameaçador.

[Mãe] *Eu me sinto muito enfraquecida e com um medo terrível! Nem sei bem do quê... Medo de algo muito perigoso, ameaçador...* (Modesto, 2008, p.97)

[Mãe] *Eu não consigo dormir, horrorizada, pensando: em que antro meu filho está? Com que pessoas estranhas, com outros costumes, outra moral... Tudo diferente do que lhe ensinei.* (Modesto, 2008, p.112)

[Mãe] *Ele sai, eu entro em pânico! Moramos na periferia... é a questão dos homofóbicos... Eu fico imaginando que ele vai encontrar uma gangue no trem... que vão perceber que ele é homo... vão linchar ele, ele vai ser assassinado...* (Modesto, 2008, p.204)

A angústia vivida durante esse processo também pode provocar distúrbios psicológicos...

[Mãe] *Não durmo, tenho insônia, fico noites inteiras acordada... Estou com fobia... Medo de tudo, não saio mais de casa...* (Modesto, 2008, p.90)

[Mãe] *Tô ficando amarga, triste, já sou depressiva... Bebendo e tomando remédio, quem sabe eu morro logo.* (Modesto, 2008, p.113)

... ou distúrbios físicos:

[Mãe] *A minha pressão foi pras alturas e tive de ser internada...* (Modesto, 2008, p.90)

[Mãe] *Foi um choque tão grande e inesperado que me fez perder o chão! Estômago e intestino estão péssimos e eu menstruo fora de hora... Já menstruei três vezes no mesmo mês... E nunca estive tão magra, pareço um fantasma!* (Modesto, 2008, p.91)

[Mãe] *Já tem um ano e pouco e eu não aceito isso. Eu tenho uma dor de estômago horrível! Pensaram que era câncer. Fiz todos os exames... Não deu nada. Mas a dor não passa. Acordo de madrugada de dor de estômago.* (Modesto, 2008, p.91)

Modesto (2008) observa que principalmente as mães se entregam ao desespero.

[Mãe] *Passei do desespero, do choro, da frustração para a raiva (...)* (Modesto, 2008, p.105)

[Mãe] *Percorri todos os caminhos do inferno, desespero e frustração...* (Modesto, 2008, p.88)

A frustração, por sua vez, gera raiva.

[Mãe] *Quando meu filho assumiu, eu o odiei. Tive raiva dele e do mundo. Ele me irritava porque só ficava na Internet e o celular dele não parava de tocar. Ele ficava feito barata, se escondendo para falar. E me irritava...* (Modesto, 2008, p.105)

E, principalmente os pais (homens) reagem de forma violenta.

[Pai] *Eu não consegui me conter. Fiquei cego e sentei a mão na cara dele... Não consegui suportar saber que eu tinha um filho assim...* (Modesto, 2008, p.98)

[Mãe] *Ele [o pai] xinga meu filho de bicha, viado... Ele ameaçou ele de morte quatro vezes!* (Modesto, 2008, p.88)

[Mãe] *Meu esposo não vai aceitar. A pior coisa da minha vida foi contar pra ele. Ele pegou o filho no Orkut e ameaçou o filho de morte... tentou enforcar o menino com o fio do computador... Ele chama o garoto de todos os nomes, de viado, bicha, de tudo... Ele não pesquisa, não lê e fala pra ele: "Você vai morar com o seu macho!"* (Modesto, 2008, p.185)

Modesto (2008) nos conta sobre a raiva que sentiu quando soube que seu filho era homossexual.

Eu tinha muita raiva, de tudo e de todos! Até com Deus eu briguei... E eu sei que não sou uma pessoa de gênio tão difícil assim! É que eu não tinha com quem conversar, desabafar... Sentia-me muito só! Talvez essa raiva que tinha dentro de mim não me permitisse me sentir culpada de nada. Eu culpava o destino, a minha má sorte. Hoje me culpo por não ter percebido antes. Poderia ter ajudado mais meu filho... E a maioria das mães e pais se culpa muito. (p.92)

Sluzki (2011) considera que na culpa ocorre um sentimento de vergonha junto com o esforço de reparação.

[Pai] *Eu sei que viajava muito... Mas tentava ficar com ele nos fins de semana... A gente assistia à televisão juntos, mesmo sabendo que ele não gostava de futebol... Talvez eu devesse ter lhe dado mais atenção... [muito comovido]* (Modesto, 2008, p.93)

[Pai] *Pra mim é difícil, principalmente porque eu não estava com ele. Nós nos separamos e eu o via muito pouco... Eu me sinto culpado...* (Modesto, 2008, p.93)

Nos depoimentos desses pais, no entanto, percebe-se que assumir a culpa é também tentar encontrar um motivo para o filho ser homossexual. É, talvez, dar um sentido para algo do qual os pais não encontram explicação.

[Mãe] *No que foi que eu errei? Eu sempre tentei ser uma boa mãe...* (Modesto, 2008, p.92)

[Mãe] *Eu queria muito uma menina. Sonhei com isso. Os vestidinhos, sapatinhos, enfeites nos cabelos... Nasceu um menino assim. Penso que foi por isso.* (Modesto, 2008, p.93)

[Mãe] *Ele não foi um filho esperado... Eu chorei quando engravidei... Meu casamento estava acabando... Eu quis me livrar dele... pensei nisso. Mas já lhe pedi perdão. Eu lhe disse: "Meu filho, se eu soubesse que era você, eu ia querer."* (Modesto, 2008, p.93)

Mas os pais não culpam somente a si próprios. Na busca por uma razão, culpam e condenam também outros.

[Mãe] *Ele tem aversão ao pai. Sempre teve. Um homem machão, bruto, grosseiro. Ele não tem modelo masculino nenhum... Um modelo masculino positivo...* (Modesto, 2008, p.96)

[Mãe] *Meu marido foi o culpado. Como o pai é muito galinha, cada vez que ele apresentava uma namorada nova, nosso filho chegava a casa e me abraçava dizendo que nunca seria igual ao pai, que nunca iria trair ninguém. Será que isso influenciou meu filho? Será que o medo de ser igual ao pai que o fez tomar esse rumo na vida? São tantas perguntas sem respostas...* (Modesto, 2008, p.95)

[Mãe] *Descobri que um dos irmãos do meu marido é gay. E o responsabilizei, quando meu filho se revelou. Eu passei muito tempo com muita raiva e nojo do meu cunhado e também do meu marido!* (Modesto, 2008, p.95)

6.3. QUE VERGONHA!

Há um sentimento que, segundo Modesto (2008), é o mais duradouro do processo de aceitação: a vergonha. "A maioria dos pais têm vergonha de ter filhos gays." (p.159)

[Mãe] *Desse jeito, vão me apontar e dizer: "O filho dela é gay!"* (Modesto, 2008, p.159)

[Mãe] *Eu sei que sou de origem humilde, mas nós temos educação. Não posso aceitar isso. Meu marido é motoboy, como vai olhar na cara dos amigos lá da agência? Como vou enfrentar a minha família, explicar pra eles? Ele é bonito de rosto, o mais bonito... mas é o mais preto dos meus filhos, e ainda é gay? Ele saiu de casa e prefiro assim, pelo menos não passamos vergonha com nossa família.* (Modesto, 2008, p.187-188)

[Filho] *A minha sexualidade incomodou muito meu pai. Eu via a vergonha estampada no rosto dele. Meu pai não me beijava... Meu pai não me abraçava...* (Modesto, 2011, p.75)

Segundo Modesto (2008),

[a vergonha] acompanha a gente, não nos deixa em paz! Por exemplo, você já aceitou seu (sua) filho(a), aceitou até que tenha o(a) namorado(a), mas você ainda tem vergonha de contar para a sua família. Depois, a família já sabe, parece tudo bem, mas você não quer que seus amigos saibam. Em seguida, alguns amigos podem saber, outros não... (...) Em minha opinião, a vergonha que sentimos é a maior culpada pelo processo de aceitação durar tanto! (p.102)

Sluzki (2011) descreve a vergonha como uma emoção social que surge quando há “uma disparidade entre como desejamos ser percebidos e julgados e como acreditamos ser percebidos e julgados” (p.80)

Comparando a vergonha com a humilhação, Sluzki (2011) observa que em ambas há um sentimento de desvalorização ou desonra pública. Na humilhação, contudo, o sentimento é de injustiça, enquanto que na vergonha existe “um acordo entre a crítica do olho público e o privado”. (p. 80-81).

[Mãe] *Eu moro aqui há trinta anos! Todo mundo conhece a gente. Já pensei até em mudar de bairro. Já resolvi: vendo a minha casa, não me incomodo. Prefiro, do que passar essa vergonha...* (Modesto, 2008, p.102)

[Pai] *Meus amigos são muito formais, educação à moda antiga... Eu não vou enfrentar essa de jeito nenhum! Com que cara?* (Modesto, 2008, p.102)

[Mãe] *Por que ele precisa fazer exposição de sua figura, colocar no Orkut... Eu lhe disse: “Você é um professor, meu filho, um homem de respeito...”* (Modesto, 2008, p.159)

Cyrulnik (2012) nos diz que na pessoa envergonhada há um detrator íntimo que provoca um desmoronamento da autoestima. O que origina o detrator é a interiorização de imagens, palavras, mitos e preconceitos que atingem a pessoa ou seu grupo social. Para não enfrentar a reação do meio, o envergonhado prefere se calar.

O envergonhado aspira a falar, gostaria muito de dizer que é prisioneiro de sua língua muda, do relato que ele conta para si em seu mundo interno, mas que não pode lhes dizer de tanto que teme o olhar dos outros. (p.2)

O mutismo, no entanto, esgota a pessoa. Não é apenas manter-se calado, é manter-se imobilizado, um silêncio comportamental e verbal. Internamente, porém, a história sem palavras é contada e recontada interminavelmente. (Cyrulnik, 2012)

[Mãe] *Eu não sei o que fazer com tanta tristeza. Tem dias que eu sinto que não vou aguentar. Por mais forças que eu tenha, é tristeza demais. Minha gastrite queima feito fogo, é muito ruim,, Sei que não existem culpados, mas eu não paro de pensar nesse assunto um só segundo... Durmo esse assunto, como esse assunto, ando esse assunto, vivo esse assunto... Não sei mais o que fazer pra parar de pensar nesse assunto. (Modesto, 2008, p.86)*

[Pai] *Eu não tenho conseguido trabalhar. Não suporto nem lembrar... E em casa só vejo minha mulher pelos cantos, chorando... (Modesto, 2008, p.86)*

[Filho] *Meu pai está descendo as escadas de madrugada, fica sentado no sofá, numa sala isolada que ninguém usa, pensando no “nada”. Ele já colocou a casa à venda, a casa com que sempre sonhamos e idealizada a tempos por ele... E estou com medo dele poder tentar também o suicídio. (Modesto, 2008, p.257)*

Depois da crise, a mudança.

Cabe-nos então perguntar como nós, terapeutas de família, podemos contribuir para promover essa mudança.

CAPÍTULO 7 – EM TERAPIA, EM FAMÍLIA

Segundo Grandesso, (2008), a família que procura terapia está enfrentando algum dilema ou contradição existencial que provoca sofrimento.

Cada um de seus membros traz uma história, todas elas legítimas porque dão significado à experiência vivida. Dessa forma, cada história mobiliza uma afirmação

e a afirmação de cada um se torna absoluta, o que restringe o repertório de conversação. (Grandesso, 2008)

[Mãe] Não tem nada no mundo que faça eu aceitar isso. Eu criei ele, eu cuidei dele com carinho, sempre, sempre. O pai morre de vergonha... Eu não aceito... Pra resolver aqui, só se eu morrer ou ficar louca... Eu sei que um dia ele vai mudar. Eu amo o meu filho... (Modesto, 2008, p.98)

Mas as histórias são construídas através dos relacionamentos. Nas palavras de Grandesso (2008),

em cada pessoa, em cada um de nós, habitam inúmeros outros, mesmo se não nos dermos conta de que não estamos sós quando falamos e agimos da forma como o fazemos. (p.13)

Como terapeutas, cabe-nos questionar quais histórias precedem e sustentam “as palavras, os gestos e as ações e crenças das pessoas em terapia e quais os relacionamentos que lhes dão sentido” (Grandesso, 2008, p.13)

Assim, torna-se possível identificar os discursos dominantes que estão restringindo ou paralisando as famílias e abrir espaço para a construção de novas narrativas, que contemplem o diferente. (Grandesso, 2008)

Enfatizamos, nesse trabalho, o estudo de vários discursos que desqualificam, condenam ou patologizam a homoafetividade e a homossexualidade. Acompanhamos, através dos depoimentos, como os ecos desses discursos fazem os pais sofrerem quando descobrem a orientação sexual do filho.

Modesto (2008), no início, acreditava que para os pais aceitarem o filho homossexual era suficiente o esclarecimento de que a orientação sexual não é uma escolha, mas um processo natural. Percebeu, no entanto, que o preconceito possui uma carga emocional que dificulta a aceitação.

Nesse sentido, podemos acompanhar as ideias de Grandesso (2011) sobre como podem ser mudados os significados que já estão ancorados nas histórias pessoais e nas práticas sociais.

(...) considero que a rede de significados do indivíduo pode ser reconstruída em razão do caráter performativo da linguagem, matéria-prima do diálogo

entre pessoas, sejam elas pessoas comuns na práxis do viver, ou pessoas comuns em práticas coordenadas de mudanças, como, por exemplo, terapeuta e cliente. (p.200)

Dessa forma, podem ser incorporadas novas justificativas para os acontecimentos. A incorporação não ocorre por um ato de convencimento, mas pela construção de novos significados. Essa reconstrução, no entanto, só é possível quando algo abala os significados já instituídos. “Só se pode pensar em reconstrução do significado a partir de qualquer acontecimento de quebra de sentido, de não-encaixe ou de vazio.” (Grandesso, 2011, p.201)

[Mãe] *No meio da tempestade, meu filho olhava pra mim e perguntava: “Mãe, por que eu? Por que não meus irmãos?” E eu não tinha resposta pra dar pra ele. Até que descobri uma tese de doutorado de uma sexóloga, aventando a hipótese de a homossexualidade ser hereditária. Daí tudo começou a fazer sentido e eu falava para o meu marido: “Como podemos condenar uma coisa que talvez tenhamos passado pra ele?” E a nossa aceitação foi bem mais rápida do que a do nosso filho. (Modesto, 2008, p.81)*

Ainda de acordo com Grandesso (2011),

(...) somente quando o inesperado, o inusual e o exótico se apresentam como uma quebra de sentido, quebra de transparência, configuram-se as condições de possibilidade para que algo de novo possa surgir de nossa surpresa, nossa estranheza como uma nova busca pelo familiar e pela conformidade, ou seja, por um novo sentido. (p.201)

Acompanhando esse pensamento, podemos dizer que somente a partir do abalo provocado pela revelação da orientação homoafetiva do filho é possível, para a família, construir novos significados com relação à homossexualidade.

São, porém, vários aspectos do relacionamento entre pais e filho afetados pelos discursos heteronormativos e homofóbicos.

Se retornarmos ao ciclo vital da família, conforme foi descrito no capítulo 7, vamos lembrar que na fase adolescente se inicia um período de questionamentos. Com a revelação da homossexualidade, ocorre uma intensificação desses questionamentos tanto entre os membros da família como no mundo intrasubjetivo de cada um, como ficou evidenciado no capítulo anterior.

Luisi e Cangelli Filho (2010) observam que as famílias que estão atravessando a fase adolescente

chegam à terapia confusas, zangadas e descontroladas, e apresentam problemas que refletem a incapacidade familiar de lidar com as tarefas da adolescência. (p.93)

Os autores propõem intervenções terapêuticas que, acredito, além de úteis para o atendimento de famílias na fase adolescente, podem ser adaptadas para o atendimento de famílias com filho homossexual que estão tanto na fase adolescente quanto na fase madura:

- Identificar se a família parou em algum ponto do ciclo vital que a impede de reconhecer os novos processos dessa fase. Diferente da fase anterior, na fase adolescente a função dos pais é de orientar e não mais de educar. As regras também devem se tornar mais flexíveis para que haja um espaço de negociação.
- Promover encontros apenas com os pais que, além de tratar de questões específicas da adolescência, também lhes permitam lidar com suas dúvidas e dificuldades na aceitação da homossexualidade.
- Embora o foco desse trabalho seja os pais de filhos homossexuais, quando se fala em terapia familiar temos que pensar em todo o sistema. Sendo assim, acompanho a proposta de Luisi e Cangelli Filho (2010) em também promover encontro com os irmãos.

O objetivo aqui é ajudar a diminuir os medos e criar apoio nesse subsistema, fortalecendo a coesão e conseqüente autoproteção dos membros na medida em que a troca de experiências tende a minimizar os conflitos pessoais e relacionais entre si, e do grupo para com os mais velhos. (p.94)

Os irmãos, algumas vezes, se tornam aliados do irmão homossexual ou mesmo mediadores entre esse e os pais.

[Mãe] *Eu contei pra minha irmã, porque achei que ela iria saber como contar pra minha mãe. Mas ela não quis contar. Disse que eu mesmo teria de fazer isso e eu ainda não tive coragem. Mesmo assim foi muito bom porque agora eu tenho com quem conversar... Minha irmã me apoia, nos damos muito bem.* (Modesto, 2008, p.214)

[Mãe] *Minha filha encara com muita naturalidade o irmão ser gay e me consola nas horas em que fico triste...* (Modesto, 2008, p.216)

Retornemos ao ciclo vital da família, agora na fase madura.

Este é um momento em que os filhos não dependem tanto dos cuidados dos pais.

Gouvêa (2010), estudando os processos envolvidos na revelação da homossexualidade, verificou que a dependência econômica pode ser um obstáculo que impede o filho de assumir sua orientação sexual para os pais. Na fase madura, no entanto, é comum o filho já ter independência financeiramente. Assim, para alguns filhos, esse é o momento propício para a revelação da homossexualidade.

Recordemos, também, que na fase madura a família se abre para a entrada dos agregados. Dessa forma, o próprio espaço terapêutico pode ser um local de preparação para o acolhimento de um eventual namorado ou marido do filho.

A aceitação do companheiro afetivo do filho demanda uma mudança do conceito de casamento. Quanto a isso, Defendi (2006) constata que, de acordo com olhar do observador

um casal homossexual, ou uma família gay pode ser considerada uma família moderna nos padrões atuais, porém se seus membros possuem famílias de origem mais tradicionais, seus relacionamentos não serão vistos como sendo de fato “um casamento”, ou uma “família”, gerando dificuldades de trocas e relacionamentos, quando não, uma negação extrema dessa composição familiar, relegando o casal ou a família gay num plano de desqualificação ou “não existência”. (p.44)

Ainda de acordo com o autor, o casal homoafetivo precisa compreender os preconceitos familiares com relação à sua união, pois, normalmente a ideia de casamento está associada a união heterossexual e reprodução.

[Filho] *Eu terminei um relacionamento de 15 anos... Quase morri. Ninguém deu muita bola. Minha irmã agora se separou, depois de um casamento de cinco anos que nunca prestou. Minha mãe quase morreu de tristeza!* (Modesto, 2008, p.55)

Johnson e Colucci (1999), baseados nas ideias de Bowen (1978), enfatizam a necessidade que o casal homoafetivo tem de manter uma relação autêntica com as famílias de origem. A aceitação desse casal pelos familiares, no entanto, depende de como historicamente o sistema familiar lida com as diferenças, o nível de abertura ou fechamento do sistema e do grau de diferenciação dos membros da família extensa.

Nota-se, então, que os fatores intergeracionais tem papel fundamental no processo de aceitação, não só do filho homossexual como também da parceria homoafetiva, pelos pais. O genograma, por isso, se torna um bom instrumento para se conhecer as configurações e os relacionamentos entre as diversas gerações da família.

Além de poder evidenciar a dinâmica familiar, o genograma também permite reconstruir a história da família e conhecer os “fatos significativos da geração atual e das gerações passadas, os modelos de repetição, as profecias, o modo de lidar com as perdas e as doenças mais comuns entre os membros”. (Cervený, 2011, p.XVII)

De acordo com Cervený (2011), através do genograma e de perguntas reflexivas e projetivas é também possível trabalhar as perspectivas que a família tem para o futuro.

As intervenções sugeridas e o genograma são subsídios que podem auxiliar no fortalecimento da relação familiar e na emergência de narrativas mais ricas, narrativas que possam ser também promotoras de mudança no contexto social.

[Mãe] Hoje eu penso que os homossexuais vêm à Terra com uma missão importante. Tornar as pessoas melhores. Pode ver que toda mãe, pai, e até a família, de homossexuais, tornam-se pessoas melhores, menos preconceituosas, mais solidárias. (Modesto, 2008, p.167)

[Mãe] Admiro a coragem deles. Temos esta certeza: tem de ser muito homem pra se assumir como gay. Não são todos que têm tal audácia. As coisas não acontecem por acaso e o fato de Deus ter escolhido nossos filhos é porque eles, como nós, têm uma missão. Quem sabe a luta pela diversidade, a quebra de paradigmas... (Modesto, 2008, p.167)

Para finalizar, convém acompanhar as reflexões de Marchi-Costa (2008) e Grandesso (2008) no que se refere aos efeitos de nossas palavras e ações, enquanto terapeutas.

Marchi-Costa (2008) enfatiza a importância dos fatores históricos, culturais e políticos “na determinação do que vem a constituir os problemas, as disfunções e os consequentes conceitos e expectativas de normalidade”. (p.627)

E alerta para os efeitos dessa influência tanto na forma de pensar como de agir dos profissionais.

Sabe-se que os psicólogos, como qualquer outro grupo social, são influenciados por crenças, valores e expectativas de sua comunidade, e que os vieses desses profissionais funcionam como lentes que distorcem sua percepção do mundo em que vivem, marcando, portanto, a própria estrutura da psicologia como ciência e profissão: valores e estereótipos sociais têm gerado limitações também para a produção do conhecimento em psicologia. (p.628)

Nesse sentido, Marchi-Costa (2008) observa que o profissional deve questionar as ideologias “para que não sejam perpetuadas ideias opressivas sobre gênero, raça, etnia e classe social”. (p.633)

Os profissionais, portanto, devem atuar

a serviço da diversidade e da legitimidade da pessoa, em sua alteridade [pois] é dessa forma que os preconceitos e a tendência, tão impregnada em nossa cultura, à “patologizar” o diferente, podem ser revistos. (Marchi-Costa, 2008, p.633)

Grandesso (2008), por sua vez, alerta-nos que o cliente coloca o terapeuta no lugar de especialista. Mesmo que o terapeuta mantenha uma atitude de não-saber e de ignorância respeitosa, suas palavras “são investidas de poder e têm para os clientes um *status* de verdade.” (p.10)

As reflexões dessas duas autoras mostram que o terapeuta tem uma responsabilidade social. Sua posição não é neutra, já que é afetada pelo contexto social, mas, como agente que pretende auxiliar na mudança, precisa estar atento para não reproduzir uma ideologia opressiva.

Concluo, reproduzindo as palavras de Grandesso (2008),

Uma terapia a serviço da responsabilidade individual, mas também da relacional, promove o cuidado consigo mesmo e com o outro, favorece o respeito e legitimação da alteridade, abrindo espaço para a coexistência. (Grandesso, 2008, p.14)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não somos apenas o elo de uma corrente que nos precede na linhagem familiar, mas também os herdeiros

de antepassados remotos que conjuntamente participam na conformação de nossa subjetividade. Herdamos múltiplas e diversas tradições; somos herdeiros de uma circulação de desejos, ideais, significados entre gerações. (Moguillansky, 2011, p.142)

E nossos antepassados, enquanto construtores da sociedade brasileira, nos deixaram um legado de preconceito e perseguição aos homossexuais. Os questionamentos sociais ajudam a promover algumas mudanças, mas, como observa Modesto (2008), o preconceito está ancorado na emoção.

A revelação da homossexualidade do filho, então, coloca os pais num espaço onde se cruzam o amor pelo filho e a carga emocional que acompanha o preconceito. Na colisão, desfiguram-se pais e filho. A partir daí, apenas uma imagem surge, “o homossexual”. “O homossexual” encobre o filho e todas as suas outras qualidades.

A vertigem provocada pela colisão exige tempo e ajuda para ser superada.

Como, na condição de terapeutas, podemos acompanhar os pais nesse processo?

A própria Modesto (2008) nos dá as pistas:

Eu tinha muita raiva, de tudo e de todos! Até com Deus eu briguei... E eu sei que não sou uma pessoa de gênio tão difícil assim! É que eu não tinha com quem conversar, desabafar... Sentia-me muito só! (p.92)

A ajuda profissional pode ocorrer através do diálogo. Diálogo que amplie as possibilidades de desconstrução da imagem impregnada de qualidades negativas que a sociedade projeta sobre a homossexualidade. Diálogo que também possibilite aos pais re-conhecerem o filho. Conhecerem o filho que tira o véu que cobria seu segredo, que se revela. Reconhecerem o filho que deixa de ser adjetivado apenas

por homossexual, ou por viado, bicha, para ter reavivadas suas outras qualidades: honesto, sensível, trabalhador, bom, esforçado, amado.

Para que o filho reconquiste sua singularidade.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman – Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BÖSZÖRMÉNY-NAGY, I.; SPARK, G. M. **Lealtades invisibles**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

BOWEN, M. **Family therapy in clinical practice**. – New York: Jason Aronson, 1978.

BRUSCAGIN, Claudia e SAVIO, Adriana. A religiosidade na prática clínica: construindo diálogos com o cliente religioso. In. _____ et. al. **Religiosidade e psicoterapia** – São Paulo: Roca, 2008.

CARTER, Betty e MCGOLDRICK, Monica. As mudanças no ciclo vital familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In. _____ e colaboradores. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **The expanded family life cycle**: individual, family, and social perspectives. – 1999.

CERVENY, Ceneide M. O. **Intergeracionalidade**: heranças na produção do conhecimento. – São Paulo: Roca, 2011.

_____. Família e intergeracionalidade. In _____ (Org.) **Família e...** : intergeracionalidade, equilíbrio econômico, longevidade, repercussões, intervenções psicossociais, o tempo, filhos cangurus, luto, cultura, terapia familiar, desenvolvimento humano e social, afetividade, negociação. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

CERVENY, Ceneide e BERTHOUD, Cristina M. E. Ciclo vital da família brasileira. In. OSORIO, Luiz C. e VALLE, Elizabeth P. (org). **Manual de terapia familiar**. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

CERVENY, Ceneide BERTHOUD, Cristina M. E. e colaboradores. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

COLLING, Leandro. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. Revista Gênero, v. 8, n. 1, p. 207, 2007. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/arquivos/textoGenero.pdf>. Acesso em 30/03/2014.

CYRULNIK, Boris. **Dizer é morrer: a vergonha**. Tradução Claudia Berliner – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

DEFENDI, Edson. **Casais homossexuais e suas famílias de origem: relatos dos casais**. – São Paulo: PUC-SP, 2006. (Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de especialista em Terapia Familiar e de Casal)

FULMER, Richard. Becoming an adult: leaving home and staying connected. In CARTER, Betty e MCGOLDRICK, Monica. **The expanded family life cycle: individual, family, and social perspectives**. – 1999.

FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** – Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal** - Rio de Janeiro: Record, 1989.

_____. **Sobrados e mucambos** – Rio de Janeiro: Record, 2000.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. Tradução Denise Bottman – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GÓES, Fernando Antônio de Barros. Um encontro inesperado: os pais e seu filho com deficiência mental. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 26, n. 3, p. 450-461,

2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n3/v26n3a09.pdf>. Acesso em 21/04/2014.

GOUVÊA, Teresa V. S. **Sair do armário**: as faces da revelação. – São Paulo: PUC-SP, 2010. (Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de especialista em Terapia Familiar e de Casal)

GRANDESSO, Marilene A. Viver em família – que tipo de futuro nós terapeutas familiares podemos ajudar a construir? In. MACEDO, Rosa M. S. e colaboradores. **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008.

_____. **Sobre a reconstrução do significado**: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

JOHNSON, Thomas M. e COLUCCI, Patricia. Lesbians, gay men, and teh family life cycle. In CARTER, Betty e MCGOLDRICK, Monica. **The expanded family life cycle**: individual, family, and social perspectives. – 1999.

KUBLIKOWSKI, Ida e MACEDO, Rosa M. S. Questões de gênero na adolescência e transmissão de valores. In. MACEDO, Rosa M. S. e colaboradores. **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008.

LOPES, Maria Immacolata V. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, Brasil, v. 9, n. 26, 2007. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4195/3934>. Acesso em 09 out. 2013.

LÓPEZ SANCHES, Félix. **Homossexualidade e família**: novas estruturas. Tradução Carlos Henrique Lucas Lima. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

LUISI, Liz V. V. e GANGELLI FILHO, Raphael. A família em fase adolescente. In CERVENY, Ceneide BERTHOUD, Cristina M. E. e colaboradores. **Família e ciclo vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

MARCHI-COSTA, Maria Ivone. Família e homossexualidade: tendência, conquistas e desafios. In. MACEDO, Rosa M. S. e colaboradores **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008.

MATURANA, Humberto. Seres humanos individuais e fenômenos sociais humanos. In. ELAKÍM, Momy (org.) **Terapia familiar em transformação**. Tradução Nicole Camacho. – São Paulo: Summus, 2000.

MELO, Victor A. Novas performances públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX) in. PRIORE, M. e AMANTINO, M. (orgs.): **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

MODESTO, Edith. **Mãe sempre sabe?** Mitos e verdades sobre pais e seus filhos homossexuais – Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Vidas em arco-íris:** depoimentos sobre a homossexualidade. – Rio de Janeiro: Record, 2011.

MOFFATT, Alfredo. **Terapia de crise:** teoria temporal do psiquismo. Tradução Beatriz Romano Tragtenberg. – São Paulo: Cortez, 1982.

MOGUILLANSKY, Rodolfo. A vergonha, a humilhação e o herói. In. BIGLIANI, C. G. et al. **Humilhação e vergonha:** um diálogo entre enfoques sistêmicos e psicanalíticos – São Paulo: Zagodoni, 2011.

MOTT, Luiz. **Proibido ter prazer** - Revista de História da Biblioteca Nacional, nº 100, p.40:46., 01/2014.

MÜLLER, Angélica. Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade nos “anos 1968” in. PRIORE, M. e AMANTINO, M. (orgs.): **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

NOVAES, Joana V. “Aqui tem homem de verdade”. Violência, força e virilidade nas arenas de MMA. in. PRIORE, M. e AMANTINO, M. (orgs.): **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo** - Tradução de Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.

PRIORE, Mary del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

PRIORE, Mary del e AMANTINO, Marcia. **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem** - Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SANT'ANNA, Denise B. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República in. PRIORE, M. e AMANTINO, M. (orgs.): **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SCHNOOR, Eduardo: "Riscando o chão": masculinidade e mundo rural entre a Colônia e o Império in. PRIORE, M. e AMANTINO, M. (orgs.): **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SLUZKI, Carlos E. Humilhação, vergonha e emoções sociais associadas: enfoque sistêmico e guia para sua transformação. In. BIGLIANI, C. G. et al. **Humilhação e vergonha: um diálogo entre enfoques sistêmicos e psicanalíticos** – São Paulo: Zagodoni, 2011.

STIERLIN, H. **Psicoanálisis y terapia de familia**. Traducción Pedro Madrigal. Barcelona: Icaria Editorial. 1979.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade** – Rio de Janeiro: Record, 2000.

Sites

<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/31/internautas-comemoram-beijo-gay-entre-felix-e-niko-em-amor-a-vida.htm>).

<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/variedades/noticia/2014/02/a-repercussao-na-teledramaturgia-do-beijo-de-felix-e-niko-em-amor-a-vida-4408299.html>)

<http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,amor-a-vida-protagoniza-primeiro-beijo-entre-homens-na-tv,1125414,0.htm>).